

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ALANA DE SOUZA DOS SANTOS

**O QUE ENSINA A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO? AS
APRENDIZAGENS NARRADAS POR ESTUDANTES E PROFESSORES**

**Porto Alegre
2013**

ALANA DE SOUZA DOS SANTOS

**O QUE ENSINA A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO? AS
APRENDIZAGENS NARRADAS POR ESTUDANTES E PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Educação Física da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki

**Porto Alegre
2013**

Alana de Souza dos Santos

**O QUE ENSINA A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO? AS
APRENDIZAGENS NARRADAS POR ESTUDANTES E PROFESSORES**

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabiano Bossle – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Passado esses cinco anos e ao olhar para trás só tenho a agradecer por não ter percorrido sozinha essa trajetória. Sempre estive amparada e cercada por pessoas muito especiais e que me deram muito força para sempre continuar e nunca desistir. O primeiro MUITO OBRIGADA e o mais importante vai para minha mãe e meu pai, minha base e meus exemplos. Por toda dedicação e esforço na minha educação, além de apostarem em mim e me apoiarem em todos os momentos da minha vida. Não há palavras suficientes que mostre a minha gratidão por vocês, apenas sinto e amo-os muito.

As minhas irmãs, minhas alegrias, uma extensão de mim. Lu, Ji e Julinha sem vocês do meu lado nada disso seria possível. Cada uma com seu jeitinho querendo sempre me ajudar e me ver crescer. Vocês foram a minha inspiração e eu quero ser o orgulho de vocês. As irmãs são sempre as nossas melhores amigas. Ao Luka por ter me apoiado muito nessa etapa final, mostrando ter sempre um ombro amigo e as palavras certas. Em geral a minha família, meus avós pela preocupação de sempre comigo, aos meus tios, primos, primas, minha dinda e aos meus vizinhos que são a minha segunda família.

Ao professor Elisandro que foi fundamental na conclusão dessa etapa, por toda compreensão, paciência, ensinamentos, conselhos e por sempre ter tido aquela palavra de incentivo. Por ter me dado a oportunidade de participar do seu grupo de pesquisa, ampliou a minha visão e me mostrou que ser professor é muito além do que se pode imaginar. Tenho muito orgulho de ter sido orientada por uma pessoa muito especial e que passei a admirar muito.

Camila e Thais, amigas que sempre estiveram do meu lado, apesar da distância, compromissos e responsabilidades do dia-a-dia e que eu ao olhar para o futuro sei que elas estarão presentes lá também. Obrigada por tudo que já vivemos juntos e ainda vamos viver. A minha trajetória na ESEF não teria sido tão agradável e divertida se não tivesse sido ao lado de pessoas que foram os presentes que a UFRGS me deu. Foram muitas horas de estudos, viagens, interbarras, festas, momentos de desabafos, choros, felicidade pela conquista do outro. Cresci demais ao lado de vocês. Foram esses momentos que tornaram a nossa amizade forte e verdadeira.

Valeu à pena esses cinco anos ao lado de vocês, são indispensáveis na minha vida. Obrigada Paula Soares, Flávia, Jacque, Bibi, Valéria, Kelly, Betão, Juliano, Paulo (s), Fabi, Nani, Bento, Dani, Kahn, Rê. Não posso esquecer-me da minha barra querida e mais amada de todas 2009/1, assim como do handebol feminino da UFRGS, fazer parte desse time é incrível demais, crescemos como grupo, passamos por momentos de superação, alegrias e também decepção. A união e a felicidade desse grupo me fazem querer continuar.

A equipe Motivação, Lisandra, Giana, Greice, meus quase irmãos Léo e Jeff, assim como todos os colegas que trabalham e já trabalharam comigo. Meus mais sinceros agradecimentos, muito da profissional que sou hoje aprendi com vocês, me espelhei em vocês. Proporcionaram-me as aprendizagens mais ricas e gratificantes possíveis, me deram apoio e sempre acreditaram em mim. Fazer parte dessa equipe só me faz acreditar que escolhi a profissão e o caminho certo. Obrigada por tudo que fizeram por mim até hoje, a caminhada é longa, mas é muito mais divertida com vocês.

Por fim, todos os alunos que passaram por mim nesse tempo e aqueles que estão comigo até hoje. Vocês são a minha motivação e minha vontade de ir mais longe. Cada abraço, sorriso e olhar sincero de vocês me dão uma alegria sem igual. É a esperança de estar fazendo o melhor por vocês e a necessidade de me qualificar cada vez mais.

A todos que de uma forma ou outra contribuíram para hoje eu estar realizando meu sonho e finalizando mais essa etapa.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar o que ensina a Educação Física no ensino médio, por meio das aprendizagens narradas por estudantes e professores de uma escola pública de Porto Alegre. Procuro compreender como essa disciplina agrega conhecimentos ao aluno e pode ou não intervir no cotidiano dos estudantes fora dos muros da escola. Na literatura sobre educação e Educação Física escolar consta que devemos avaliar diversos fatores internos e externos à escola, para que possamos entender mais sobre esse vasto universo escolar e os sujeitos que agem sobre esse ambiente. A literatura sugere relação que compreendam a configuração escolar, lugares que a Educação Física ocupa na escola, papel docente, o estudante, os conteúdos e a relação pedagógica como elementos que possam afetar essas aprendizagens ditas pelos estudantes e professores. Neste sentido, o estudo pretendeu compreender melhor essas questões. Metodologicamente, trata-se de um estudo descritivo com estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Porto Alegre. O trabalho de campo foi realizado durante o segundo semestre de 2013 e as informações obtidas foram processadas por meio da análise de conteúdo. Foi possível compreender que os jovens estudantes do ensino médio da escola pública de Porto Alegre investigada e seus docentes dizem que para aprender nas aulas de Educação Física eles dependem de muitos elementos que devem estar em sintonia. A configuração escolar e seus espaços precisam estar combinados para facilitar que ocorram de uma maneira adequada essas aulas. O lugar que a Educação Física ocupa nessa escola repercute diretamente na atuação do professor e com isso na aprendizagem que os alunos podem adquirir. Além disso, o papel do professor, seus esforços e desencantos pela docência refletem no que ele pode ensinar e no que os alunos podem aprender. Contudo o estudante também é ator importante nesse cenário e merece destaque, eles querem autonomia e se tornar cidadãos presentes e atuantes dentro do espaço escolar em que convivem. Se vistos dessa forma o interesse deles em participar das aulas de Educação Física aumenta, com isso a busca pelo aprender também cresce. Elemento importante e que os estudantes se apóiam para investir ou desinvestir nas aulas são os conteúdos que são transmitidos a eles, se muitos repetitivos, sem sentido e significado para eles afeta diretamente em uma desistência e desinvestimento do estudante. Atraem eles o poder escolher e participar da construção das aulas, assim buscando novas vivências não experienciadas no contexto escolar. Embora eles ainda estivessem muito presos a querer esportivização nas aulas de Educação Física. Ainda assim existe um ponto mais crucial e que mediam essas aprendizagens, que são as relações pedagógicas e vínculos que são ou não estabelecidos entre esses atores que convivem no cenário escolar. A falta de comunicação e linguagem vistos como a principal dificuldade e causadora de embates e enfrentamentos entre eles. Quando se estabelece uma relação mais amigável percebeu-se um melhor desenvolvimento da aula, em um ambiente favorável e que propicia aprendizagens positivas aos estudantes. São diversos os elementos que circundam a Educação Física e o que ela pode ensinar aos estudantes dentro da escola, se reconfigurados e percebidos com mais atenção esses componentes que envolvem a Educação Física escolar, possivelmente contribuirá para que os estudantes agreguem mais aprendizagens.

Palavras chaves: Educação Física Escolar. Ensino Médio. Juventude

ABSTRACT

The present study aims to investigate what teaches Physical Education in school, through learning narrated by students and teachers at a public school in Porto Alegre. I seek to understand how this course adds knowledge to the student and may or may not intervene in the daily lives of students outside the school walls. In the literature on education and Physical Education states that we must evaluate several factors internal and external to the school, so we can understand more about this vast school universe and subjects that act on this environment. The literature suggests: relationship to understand the configuration school, places that physical education occupies in school, teaching role, the student, the content and pedagogical relationship as factors that may affect these learning said by students and teachers. In this sense, the study sought to better understand these issues. Methodologically, it is a descriptive study with high school students of a public school in Porto Alegre. The fieldwork was conducted during the second half of 2013 and the information obtained was processed through content analysis. It was possible to understand that young high school students from investigated public schools in Porto Alegre and their teachers say to learn in physical education classes they depend on many elements that must be in sync. The configuration and their school spaces need to be combined to facilitate these classes occurring in a suitable manner. The place which the Physical Education occupies in this school has a direct impact on the teacher's performance and the learning that students can acquire. Furthermore, the teacher's role, his efforts and disillusion with teaching profession reflect on that he can teach and in what students can learn. However the student is also important actor in this scenario, and worth mentioning, they want autonomy and become present and active citizens within the school environment where coexist. If seen in this way their interest in participating in physical education classes increases, thus the quest for learning is also growing. Important element and that students are supported to invest or disinvest in class are the contents that are transmitted to them if many repetitive, meaningless and meaningful to them affects directly on a student's withdrawal and divestment. The power to choose and participate in the construction of classes attract them, so looking for not experienciadas new experiences in the school context. While they were still very attached to want to practice sports in physical education classes. Nevertheless there is a crucial point and that mediate this learning, what are the pedagogical relationships and bonds that are or are not established between these actors who live in the school setting. The lack of communication and language seen as the main problem and cause of clashes and confrontations between them. In establishing a more friendly relationship was perceived a better development of the class in a favorable environment and that provides positive learning for students. There are several elements that surround the physical education and what it can teach students within the school, if reconfigured and perceived more carefully these components involving Physical Education possibly help students add more learning.

Keywords: Scholar Physical Education. High School. Youth.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 PROBLEMAS DE PESQUISA.....	15
1.2 OBJETIVOS	15
1.2.1 <i>Objetivo geral</i>	15
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	16
2 REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1 ESCOLA QUE LUGAR É ESSE?	17
2.2 O PROFESSOR	20
2.3 JUVENTUDE E OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.....	25
2.4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	30
3 METODOLOGIA	36
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	36
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	36
3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES	38
3.4 PLANO DE COLETA DE INFORMAÇÕES	38
3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES.....	39
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES	40
4.1 CONFIGURAÇÃO ESCOLAR	40
4.2 LUGARES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	46
4.3 O DOCENTE	54
4.4 O ESTUDANTE	64
4.5 OS CONTEÚDOS	71
4.6 RELAÇÃO PEDAGÓGICA	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES	93
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	93
APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA O GRUPO DE DISCUSSÕES COM OS ESTUDANTES.....	94
APÊNDICE C – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	95
APÊNDICE D – UNIDADES DE SIGNIFICADOS	96

1 INTRODUÇÃO

Ao pensar em um tema para meu trabalho de conclusão de curso, refleti sobre minha trajetória até chegar aqui, ao final do curso de licenciatura em Educação Física. Um filme me passou a cabeça, desde minha época de escola, onde no ensino médio eu já havia decidido seguir uma carreira dentro da Educação Física: não sabia ainda se professora ou em outra função. Provavelmente essa inspiração brota do “espelhamento” que tive de professores que me propiciaram além de esportes – motivo primeiro pela escolha do curso de Educação Física – motivação em participar ativamente das aulas, a interação com colegas e o bem-estar pessoal. Além disso, mostraram-me que esse espaço de aula não era somente um local para aprender conteúdos, mas também de integração com colegas, aprendizagens múltiplas, desenvolvimento motor e uma melhor convivência entre professor e alunos. Todos esses fatores e as boas aulas que tive na minha vida escolar facilitaram a escolha por cursar Educação Física no Ensino Superior.

É importante levar em conta também o contexto da própria escola em que estudei que sempre foi bem estruturada, apoiando alunos e professores em busca dos seus objetivos, construindo um cenário favorável ao desenvolvimento destes. Muito do que aprendi e vivenciei na escola, quando estudante, trouxe para minha vida acadêmica. Ao começar as aulas práticas nos estágios de docência sempre procurei me espelhar nas aulas em que tive na escola, na maneira que o professor (a) desenvolvia o conteúdo, como lidavam com a turma e também com situações problemas. A didática que eles apresentavam, a forma de estabelecer o contato e a aproximação com o aluno eu procuro levar para dentro das minhas aulas, já que as aulas de Educação Física em meu período escolar eram bem estruturadas e dinâmicas, com variedade de materiais, propostas e com docentes sempre atentos às respostas dadas pelos alunos.

Ao iniciar os estágios de docência obrigatórios no curso de Licenciatura em Educação Física que fiz até o prezado momento pude observar que muita coisa mudou desde a realização de meu Ensino Médio. O contexto era outro, onde estudei, na escola São Marcos em Alvorada, os alunos – em geral – participavam das aulas, os professores apresentavam uma variedade de conteúdos, sempre propondo ensinar algo novo para o aluno. Não se ouvia tantas reclamações da maneira como eram desenvolvidas as aulas, do clima, do ambiente onde era

realizada a aula, mesmo algumas vezes sendo dentro de sala. Ao entrar em duas escolas da rede pública de Porto Alegre onde fiz meus estágios curriculares deparei-me com comportamento de alunos, professores e escolas diferente as quais vivenciei enquanto estudante. Muitos dos alunos não participam das aulas, pois disseram não gostar de exercícios, por não querer se sujar, não gostar do professor ou algum colega, entre outros motivos. Em relação ao professor avaliei que nessas escolas eles não tinham motivação em estar dando aula, o planejamento curricular e os recursos materiais eram escassos, sendo que nessas duas escolas havia materiais para serem utilizados.

Ao se tratar da escola, observei mudanças da minha época para essas escolas do estágio como: a infraestrutura, os alunos não são contemplados com espaços adequados para as aulas de Educação Física, o número elevado de alunos por turma e as condições para atender a todos de uma maneira adequada não é suficiente. Até mesmo a preocupação da escola em geral com o bem-estar do aluno me parece desafiadora. A ideia que tive é que a escola trata todos da mesma maneira, estão ali somente para ter aula e aprender os conteúdos de determinadas disciplinas.

É claro que nem todos os alunos ao término do seu ensino médio irão fazer que nem eu, ingressar em uma universidade para cursar Educação Física, mas como estudante no ensino médio eu sempre dei muita importância para essa disciplina. Foi por meio desta que comecei a jogar handebol e a participar de campeonatos. As aulas de Educação Física também me propuseram a participar de atividades em que a turma toda se envolvesse, fazendo com que os laços de amizades se fortalecessem e oportunizando para que outros fossem estabelecidos. Não via essa disciplina somente como mais uma no currículo escolar, que tem por objetivo transmitir conhecimento e conteúdos para os alunos, mas também como uma disciplina formadora de pessoas.

Hoje em dia, após esse meu primeiro contato com os estágios obrigatórios, observo certo descaso com as aulas de Educação Física. Muitos alunos ficam fora das aulas, não querem fazer a prática, usa desse momento para fazer qualquer coisa, menos estarem em aula, mas não atribuo culpa somente a eles. Falo isso a partir da experiência nas escolas em que tive contato no meu estágio de docência curricular, o que, evidentemente, não pode ser generalizado ao se pensar que todos os professores, escolas e alunos agem dessa maneira citada acima.

Creio que muitas desistências por parte dos alunos vêm da falta de interesse desses professores em dar boas aulas. Professores sem planejamento de aula, usando o famoso “largobol”, uma das práticas que pude observar em uma das escolas onde estagiei, corroboram com tal desinvestimento dos estudantes nas aulas de Educação Física. Mas ainda existe algo maior em cima do professor, que é a escola. Podemos envolvê-la nesta problemática, visto que ela deve ser o “combustível” entre professor e alunos e promover o investimento, o apoio e o interesse. Então se pensarmos em um todo, quando esses três elementos se articularem e convergirem, com certeza os resultados serão positivos das aulas Educação Física.

Portela (2012) afirma no seu trabalho de conclusão de curso que embora a Educação Física seja a disciplina de maior preferência aos alunos nas escolas, ela não aparece entre as primeiras quando a sua importância é questionada junto aos estudantes de Ensino Médio. Uma possível justificativa é a importância atribuída às disciplinas exigidas no vestibular. Dessa forma, a Educação Física passa a não possuir a mesma importância de outras disciplinas, como português, matemática, história, entre outras. Outra preocupação que aparece nessa fase é a necessidade de entrar no mercado de trabalho. Algumas vezes a desistência já vem também por parte daqueles que já estão inseridos no mercado de trabalho e por esse motivo não querem participar das aulas de Educação Física, para não cansar, se sujar, ou outros motivos.

O professor sabendo desses motivos que estão fazendo os alunos a desistir de participar das aulas deve estar comprometido em proporcionar o desenvolvimento global do ser humano em todos os seus aspectos, pensando na educação dos seus alunos para o futuro e não como algo passageiro que só tem importância no momento em que se está ensinando. É seu papel fazer com que a Educação Física escolar atinja suas funções, como promover a cultura corporal de movimento e, assim, tornar o aluno um adulto ativo fisicamente. Segundo Portela (2012) para que isso aconteça à aula de Educação Física deve cumprir seus objetivos propostos, de forma prazerosa e estimulando o aluno às diversas práticas corporais de diversas formas. Desse modo, a chance de se identificar com alguma (ou várias) prática(s) é maior, o que poderia diminuir a possibilidade de um adulto sedentário. Mas a pergunta que me faço é como essa disciplina pode cumprir seus objetivos de forma a atingir todos seus alunos? A escola dá suporte para que isso

aconteça? O professor que ministra essa disciplina trabalha e se interessa para que isso aconteça?

O professor nas aulas de Educação Física deve chamar a atenção dos seus alunos a respeito dos benefícios que essa disciplina pode trazer, tentando dessa forma diminuir o número de desistências em relação às aulas. Para que a atividade física aconteça sistematicamente na idade adulta a Educação Física escolar também é muito importante, já que práticas de atividade física durante a adolescência contribuem para a atividade física de lazer na vida adulta. Passa por isso a vivência de uma cultura corporal de movimento e a necessidade de que os alunos incorporem essa cultura. Portanto cabe também a Educação Física na escola conscientizar para que os jovens mantenham o hábito de praticar atividades físicas durante sua vida. A atividade física, aquela a qual o aluno quando criança e jovem tem conhecimento através das aulas Educação Física e que aderem a ela pelo divertimento, prazer, melhoria das habilidades, possibilidades de vivenciar sucesso e vitória e estar com os amigos, na idade adulta, é vista de outra maneira e com outra importância, pois seu valor maior é dado à estética. Já na terceira idade, outra importância é atribuída, visto que objetiva-se uma melhoria da saúde e da qualidade de vida.

Portela (2012) argumenta que é visível que as práticas corporais parecem estar bastantes presentes na vida adulta. Ambientes ao ar livre estão fortemente permeados com a atividade física. Parques e praças públicas são espaços da cidade onde se vê um grande número de adultos praticantes de caminhadas e ciclismo, por exemplo. Outro ambiente em que também é notável a crescente procura é a academia. Um terceiro contexto aparece: projetos de esportes promovidos por instituições acadêmicas. Por exemplo, o projeto de extensão do basquete da UFRGS, o qual possui muitos participantes.

É possível observar no próprio dia-a-dia, por meio de pessoas que fazem academia, que praticam esporte diariamente ou que fazem algum outro tipo de atividade física, que muito do que foi aprendido na Educação Física. De certa forma o indivíduo pode levar consigo essa aprendizagem para sua vida após a escola. A dúvida que me cerca é será que essas pessoas que de alguma forma praticam essas atividades físicas, trouxeram isso para sua vida cotidiana porque aprenderam na escola a sua importância? Ou a sua prática vem por outros motivos, como indicação de algum amigo, por fazer parte de um grupo ou recomendação médica?

Na condição de docente de Educação Física, gostaria muito que essas escolhas tivessem partido do conhecimento que se teve nas aulas de Educação Física.

Voltando ao eixo principal desse trabalho, desejo compreender por meio da observação das aulas de Educação Física o que significa para os alunos estarem ali naquele momento e que aprendizagens aquela disciplina pode lhes proporcionar além dos muros da escola. Com isso, deve-se ter um olhar atento na aprendizagem, a qual é uma construção pessoal que permite atribuir significados a um determinado objetivo de ensino. Este objetivo torna-se efetivo quando o que se aprende tem significado e pode ser possível estabelecer um vínculo com o cotidiano (DEVIDE; RIZZUTI, 2001)

Até agora falamos dos estudantes como um todo, mas não podemos nos referir a eles como se fossem todos iguais. Cada um possui sua própria identidade e entre eles se comunicam e se relacionam conforme as semelhanças que eles vêem no outro, formando assim seus grupos de convivência. Dessa forma, é fundamental que o professor e a escola estejam atentos aos alunos que vem recebendo, conhecer a cultura que estão inseridos e a própria vida do estudante, ampliando o olhar sobre a juventude, os locais onde se relacionam e suas marcas que os diferem.

Segundo Carrano (2009) os diferentes territórios juvenis são também lugares simbólicos para o reconhecimento das identidades em comum, territórios esses como a própria escola, sem se restringir à sala de aula. Inclui-se também os corredores, local de encontro dos alunos, o pátio. Fora da escola são os shoppings e praças onde observamos que os grupos se aproximam conforme suas características semelhantes. É em torno de determinado território que se constitui o grupo de iguais. As marcas são observadas no próprio corpo, como a tatuagem, ou mesmo por meio de adereço de identidade, tal como acontece com os bonés. Acessório esse que se transformou em fonte de tensão permanente em algumas escolas que não toleram seu uso, talvez por não enxergarem que esses são signos que representam a extensão da própria subjetividade dos jovens alunos que reagem ao terem de deixar “parte de si” fora do espaço-tempo da escola. Cabe a escola e professores não somente julgar o aluno por suas escolhas e comportamentos, mas também entender o contexto em que estão inseridos, de que culturas fazem parte.

Analisando um desses espaços de encontros mais comuns dos jovens que é a escola, onde a maioria deles estão inseridos, de acordo com Carrano (2009)

observa-se que é um local integrante da cidade e onde as diferentes identidades juvenis podem encontrar-se para dialogar. Porém a escola não me parece dar “ouvidos aos alunos”, apesar de ser um espaço onde o jovem possa gostar de estar presente, ainda não reconhece as culturas juvenis como possibilidade de inclusão e transformação (CARRANO, 2009). A escola por suas inúmeras funções e compromissos pode acabar, por vezes, ocupando-se mais de alguns assuntos escolares e deixando de lado o seu estudante, é importante ouvi-los e saber o que querem e onde querem chegar. Em se tratando da juventude, eles querem de uma forma ou outra fazer parte da sociedade, e é na escola, outro espaço diferente, que esses jovens também podem ter a possibilidade de socialização extra-familiar. Por isso a instituição de ensino que recebe o aluno deve compreendê-los e tentar entender os sinais e significados que são impostos a esses sujeitos de forma subjetiva.

Muitos dos problemas e conflitos que surgem no ambiente escolar não se originaram ali. Vieram com o aluno da rua, de sua casa ou do local onde vivem e se relacionam, nem sempre foi com alguém dentro da escola. Porém, por não serem compreendidos ou então julgados e culpados antes de qualquer explicação eles “explodem” dentro do ambiente escolar. É de extrema importância para a escola e professores entender em que contexto e cultura estão inseridos os alunos os quais eles têm contato. Se essa ligação entre escola, professores e alunos fossem feitas muitos dos problemas seriam resolvidos antes mesmo de chegarem a um ponto extremo.

Carrano (2009) afirma que os jovens estão em visibilidade na sociedade atual, com expansão da escola, a criação de mercado cultural juvenil exclusivo e a postergação da inserção no mundo do trabalho são marcas objetivas da constituição sobre o ser jovem na sociedade. Pode-se considerar que o acesso ao mais alto nível de educação escolar tende a proporcionar maiores oportunidade de participação no mundo social. Porém ao se tratar das instituições de ensino públicas, onde a maioria dos jovens encontra-se, nos deparamos com algumas falhas, como a dificuldade de acesso, permanência na escola, organização e oferta dos conteúdos curriculares formais e que são considerados pouco interessantes pelos jovens. Será que só esses elementos são suficientes para os alunos desistirem tão facilmente das aulas e, conseqüentemente, das aulas de Educação Física? Será que existem outros elementos fora da escola que os façam desistir?

Outra questão que considero importante é o papel do professor nesse turbilhão de acontecimentos. Como ele fica com tudo isso? Quais são os desafios ou as dificuldades que ele tem para desempenhar a sua função? Quais seriam as ferramentas, as estratégias e os saberes que os docentes de Educação Física utilizam para mobilizar os estudantes em suas aulas? São muitas as questões a se fazer com o intuito de se qualificar os processos educativos escolares. Só que não existem respostas corretas, cada professor tem sua individualidade, sua maneira de lidar com situações diversas, assim como cada turma, cada aluno e escola também têm suas peculiaridades.

A escolha então por esse tema de pesquisa tem o intuito de compreender as aprendizagens que as aulas de Educação Física têm proporcionado para os alunos do ensino médio e o que dela podem levar para fora dos muros da escola, para que possamos entender o que pensam os jovens nessa etapa da vida em que se encontram. Fase essa de transição, últimos anos escolares, inserção no mercado de trabalho, escolha por uma profissão na universidade, entrada na vida adulta. Pesquisas nessa linha objetivam contribuir com a área na compreensão do desejo e participação nas aulas de Educação Física, assim como ajudar o professor no desempenho da sua função e da escola na compreensão dos seus alunos.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Frente ao apresentado, o problema de pesquisa se constitui na seguinte questão: que aprendizagens as aulas de Educação Física na escola pública têm proporcionado na perspectiva dos estudantes e dos professores de Educação Física? Na perspectiva desses atores, que elementos poderiam ser reconfigurados para que se qualificassem as aulas de Educação Física?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Compreender que aprendizagens as aulas de Educação Física na escola pública têm proporcionado na perspectiva dos estudantes e professores de Educação Física.

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar que aprendizagens as aulas de Educação Física têm proporcionado aos estudantes do Ensino Médio em sua perspectiva;
- Identificar e compreender elementos que podem levar os estudantes a investir e desinvestir das aulas de Educação Física;
- Identificar que aprendizagens as aulas de Educação Física têm proporcionado aos estudantes do Ensino Médio na perspectiva dos professores de Educação Física;
- Identificar elementos que poderiam ser reconfigurados para qualificar as aulas de Educação Física.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ESCOLA QUE LUGAR É ESSE?

Para compreendermos o que se ensina e que aprendizagens se produzem na Educação Física no ensino médio, é necessário entender melhor a escola e suas funções, pois é a partir dela que essa disciplina se faz presente. Entender o que é a escola segundo alguns autores, um lugar que é obrigatório a todo o indivíduo, um lugar de encontros culturais, de ensino e aprendizagens.

A escola tem suas funções e posições sociais diante da sociedade, que vão além do transmitir conteúdos aos seus estudantes. É importante analisar a escola e suas mudanças conforme o tempo. Diversos autores trazem a sua visão sobre essa instituição de ensino. O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1999) nos mostra por meio do seu trabalho “A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura” que é uma instituição que tem por função conservar e reproduzir as desigualdades sociais. Por ser um lugar que recebe diversos estudantes, de locais mais variados e culturas por vezes semelhantes e por vezes mais distintas ainda, a escola teria que tentar amenizar essas desigualdades que se encontram no seu interior e não enaltecê-las. Gómez (1998) enxerga a escola também como uma reprodutora dessas desigualdades, mas acredita que esse foco pode mudar através da educação, uma função que também é compreendida pela escola.

Segundo Saviani (1980, 1983) a escola além de educar tem por objetivo promover o homem como cidadão, com isso procurando provocar melhorias no ensino para os discentes. Já o autor Gramsci (1979, 1989) propõe uma escola que não haja de forma imediata e sim desinteressada, capaz de induzir o seu aluno ao hábito de estudar e raciocinar e com isso, tornando-os pessoas pensantes e capazes de fazer suas escolhas na sociedade. Em comparação com os outros autores, Alves (2001) através de uma visão mais atual de escola, nos mostra que ela acompanha o desenvolvimento tecnológico e por isso suas funções vêm mudando com o passar do tempo. Antes as funções reprodutivistas e pedagógicas eram encontradas como as principais dentro do contexto escolar. Segundo Alves (2001) a escola pública cresceu tão inesperadamente ao longo do século XX, e com esse crescimento outras funções foram surgindo, que não só aquelas que são de senso

comum, como o de ensinar ao aluno e a formação do indivíduo para viver em sociedade.

Faz-se necessário para a escola visibilizar uma nova didática que acompanhe as mudanças pelas quais a mesma passa. É importante estudar e conhecer as diversas culturas que compõe a sociedade e assim trazê-las para dentro desse universo escolar e entender que o professor não é somente um transmissor de conteúdo. Aos alunos, a escola pode lhes dar uma maior autonomia, como também modificações nas relações educativas, que podem ser de diferentes maneiras. Outros aspectos importantes que também devem acompanhar essas mudanças que a escola vem sofrendo, é o repensar o espaço físico, a gestão escolar e a formação docente. Sem esquecer que, diante tudo isso, a educação deve ser o centro das atenções e preocupações como função primordial da escola (ALVES, 2001).

Analisando o que argumentam esses cinco autores, é possível observar que eles transitam por percepções distintas de escola, porém todas essas percepções podem ser encontradas dentro do contexto escolar ao mesmo tempo. A escola por ser uma instituição de grandes dimensões é vista como um cenário de conflitos, mas que procura contemplar todos seus alunos, mesmo sendo difícil, devido às diferentes demandas culturais que estão inseridas nesse espaço. Conforme Gómez (1998) a escola enfrenta desafios, e um deles é que a educação compense a todos, isso quer dizer que ela possa atender a todas as origens. Além de favorecer o acesso à cultura aos indivíduos, assim como facilitar a construção do conhecimento e formas de conduta. Que o aluno que ali habita consiga assimilar a escola e a sua vida paralela a ela, “portanto, o sentido da educação, a sua finalidade, é o próprio homem, quer dizer, a sua promoção” (SAVIANI, 1980).

A escola não tem simplesmente a finalidade de reproduzir indivíduos para viver em sociedade. Porém não é o que observamos, devido seu sistema de organização, essa instituição procura introduzir em seus alunos, conhecimentos, concepções, ideias e condutas conforme deseja a sociedade adulta (GOMÉZ, 1998). Fala-se tanto na função social da escola, em preparar os indivíduos para o mercado de trabalho, em torná-los cidadãos capazes de agir e se fazerem presente na sociedade em que vivem. Mas será que essa instituição de ensino sabe o que realmente querem, o que precisam e o que buscam os seus estudantes? Não desmerecendo essas que também são funções da escola, mas será que a escola se restringe à somente isso? Se realmente for só esse o papel da escola, ela está

somente reproduzindo o que a sociedade espera dela, que entreguem prontos os futuros adultos que dali sai.

A escola precisa acompanhar o progresso pelo qual passa a população. Se antigamente era necessária uma escola mais conservadora, não necessariamente hoje em dia precisa ser desta forma. A escola não deve estar à mercê somente da sociedade, claro que deve ser relevada a sua importância, na função do educar. Porém primeiramente deve vir o aluno, educá-lo e formá-lo para que o mesmo possa ser dono de suas próprias ações, serem capaz de escolher em qual sociedade fazer parte. Contudo, segundo Gómez (1998), a escola vem cumprindo a função de impor a ideologia dominante da sociedade social atual, transmitindo aos seus alunos mensagens, ideias, organização e seleção de conteúdos de aprendizagens conforme seus interesses. Os alunos aprendem as teorias, condutas e disposições principalmente nas interações sociais que estão presentes na escola ou em aula e não somente através da organização curricular oficial.

O aluno vive parte de sua infância e juventude na escola, assim como boa parte do seu dia. São cenários vivos e com constantes mudanças, onde as interações são capazes de produzir e desenvolver valores, ideias e interesses semelhantes e diferentes. De acordo com Enguita (1990 *apud* Gómez 1998), desde o funcionalismo de Durkheim ao estruturalismo de Althusser, passando pelas análises realizadas por Foucault ou a teoria da correspondência de Bowles e Gintis, apesar de suas diferentes concepções, todos eles consideram que a escola cria condições para um cenário de permanente conflito. Isso quer dizer que o que acontece nas aulas muitas vezes surge de um resultado obtido por meio de negociações informais entre o que a escola e professores esperam dos alunos e o que estes estão dispostos a fazer.

Em relação à função educativa da escola, ela tem por objetivo a socialização e humanização dos seus alunos. E está tensionada entre a reprodução e a mudança. As influências que ela tem diretamente sobre os estudantes podem ser observadas por meio dos seus conhecimentos e comportamentos expressos na sociedade em que vivem. Embora a escola não consiga atingir a todos, pois enfrenta a diversidade cultural que ela tem no seu interior, procura cumprir o desafio de educar e atenuar as desigualdades sociais. Assim procurando preparar os seus estudantes para defenderem-se e lutarem, com as melhores condições possíveis, no cenário social (GOMÉZ, 1998).

Segundo Gómez (1998) a escola não está sozinha na função de distribuir e transmitir informações ao indivíduo, juntamente com ela, atuam a família e os meios de comunicação, que vem em uma crescente. Essa última fez com que a escola perdesse sua hegemonia perante a sociedade. Com isso a criança já chega à escola com certa bagagem de informações e pré-concepções formadas. Cabe à escola desenvolver com o aluno essas informações e pré-concepções que entram com eles na escola, para assim não ocorrer somente à reprodução das mesmas. A escola deve oportunizar ao aluno a possibilidade da reflexão e da crítica, como também, favorecer momentos de interações entre os mesmos. Com o objetivo de fazer com que os alunos conheçam as diferentes culturas e diversidades do universo escolar, para que assim não fiquem presos somente ao seu “mundinho” e ao que trouxeram de casa ou da mídia como sendo suas certezas.

2.2 O PROFESSOR

Além de entender a escola e seu funcionamento, temos outro elemento de grande importância para a compreensão do que é ensinado e das aprendizagens construídas a partir das aulas de Educação Física. Trata-se do professor, um ator indispensável dentro do cenário escolar, atuante direto na ligação entre a escola e o estudante. Ele exerce uma função única dentro da escola e papel importantíssimo na sociedade. Sabendo da importância desse profissional dentro das escolas e também na sociedade são necessários alguns questionamentos: quem são os professores, o que sabem e o que não sabem, como ensinam, como aprendem, que problemas enfrentam no cotidiano de sua prática profissional? (LELIS, 2001).

O professor também é uma pessoa e que ao longo de sua vida profissional vai construindo sua identidade docente, que não depende somente do que vivenciou e aprendeu enquanto acadêmico dentro de uma universidade. A identidade docente de um professor é construída ao longo de sua carreira, ele necessita se reinventar sempre que necessário, pois lida com diferentes perfis de alunos, escolas e comunidades que cercam a sua profissão. O professor deve estar em constantes aprendizados e mudanças, sempre “antenado” nas configurações de trabalho que exerce e em quais contextos se desenvolve a sua docência. Segundo Cunha (1996) não se pode esquecer que o professor é o fruto de um determinado contexto social e histórico. O indivíduo que escolhe essa profissão vai sendo moldado conforme as

necessidades e exigências da cultura a qual está inserido sejam na escola ou na comunidade em que atua.

Nóvoa (1995), no livro *Vidas de Professores*, organizado por ele, traz em um texto alguns questionamentos quanto à trajetória de vida dos professores: como se tornam os professores que são hoje? O autor ainda questiona o porquê da escolha por essa profissão? De que maneira a ação pedagógica sofre influências devido às características individuais de cada professor e também pelo percurso da carreira profissional de cada docente?

São inúmeras as funções do professor dentro da escola, elas vão além do entrar em uma sala de aula e desenvolver os conteúdos aos seus alunos, ou então, entrar em uma quadra ou ginásio e largar uma bola, ou até mesmo somente a preocupação com o aprendizado dos gestos motores. Segundo Guimarães *et al.* (2001), pode-se dizer que o docente é o principal responsável em desenvolver a cidadania dentro do ambiente escolar. Isso acontece, pois o professor acaba por ter mais contato com seus alunos, podendo ter diversas maneiras de conduzir a sua aula. O professor cria um vínculo afetivo com os seus alunos e que pode servir de referência e modelo para os mesmos. Ele conta também com outros artifícios que facilitam o seu trabalho, isso, pois, através de seus conteúdos específicos consegue articular discussões de caráteres éticos com os estudantes e também dispõe de espaços dentro da escola para abordar os assuntos desejados em aula. O professor é capaz de dar voz aos seus alunos, escutá-los também é fundamental para um bom desenvolvimento em aula, além de estimular a criação de vínculo com os mesmos. Enfim, o professor simboliza as normas assim como as expectativas criadas sobre os alunos na escola, é nele que o aluno muitas vezes se espelha e é com ele que o estudante tem o primeiro contato dentro da escola. Por meio do professor que o aluno por vezes acaba por entender como funciona a instituição de ensino.

Bracht (1992) em seu livro “Educação Física e Aprendizagem Social” nos argumenta que o professor ao desenvolver seu papel, acaba por ser um veiculador de valores. E é nesse sentido que existe a ligação da maneira de ensino com os seus conteúdos. O docente não representa somente a necessidade de disciplina e ordem na escola, assim como, não representa só a autoridade de um adulto, mas também valores de conhecimento. De acordo com Coll (1997) o professor por ter grande capacidade de persuasão sobre seus estudantes, deveria possuir disso para a formação de valores e atitudes dos mesmos, como também para o

desenvolvimento dos seus alunos. Para que o professor consiga atingir as inúmeras funções que lhes são atribuídas é fundamental que assuma com integridade, responsabilidade e disponibilidade o seu papel, não o impedindo de ser flexível quando necessário, mas sempre contribuindo com a formação de atitudes e valores (GUIMARÃES *et al.*, 2001).

Por meio de todas essas questões até então apresentadas, pode-se concluir que a figura do professor é indispensável no processo educativo que se dá na escola, estabelecendo laços afetivos, transmitindo aprendizagens, possibilitando o necessário para se viver em sociedade.

Segundo Coll *et al.* (1997),

As pessoas que exercem um processo de influência social são consideradas pessoas significativas para os que são influenciados e no contexto escolar os responsáveis diretos por tal processo são os professores, os colegas de sala e os demais alunos da escola. (COLL *et al.*, 1997, p.155)

Analisando o que foi dito anteriormente é necessário refletir e pensar a importância do papel do professor. Ele tem um valor significativo dentro da escola, a ele são entregues diversos seres humanos com necessidades e desejos ao longo da sua docência, pode-se pensar que enorme “peso” e responsabilidade o professor carrega em seus ombros. Segundo Tardif e Lessard (2008) o docente desenvolve o seu trabalho sobre o outro, importa-se antes de tudo com a relação entre as pessoas, é uma profissão que deve ser vista puramente como de interações humanas, onde uns se apóiam nos outros, tanto alunos como professores, com a finalidade de uma construção coletiva.

Para que o papel do professor seja cumprido, é necessário salientar a importância da formação acadêmica do docente. O desempenho do professor pode depender também, de certa forma, de como se deu sua formação (Galvão, 2002). Alguns dos objetivos de estudar o papel e o perfil do professor, sendo ele de Educação Física ou não, seria encontrar um tipo de formação profissional que fosse capaz de amenizar os problemas que possivelmente surgiram e não amenizar, pois o professor não é obrigado a ter essa função e “carga” sobre seus ombros. Tratando-se mais especificamente do professor de Educação Física, a formação acadêmica pode e deve proporcionar ao docente, segundo o autor Machado (1995), a possibilidade de moldar o caráter dos estudantes, a partir do desenvolvimento da

função docente e assim, marcar os seus alunos com significados na sua trajetória escolar. A formação profissional em Educação Física deve proporcionar ao professor a capacidade de trabalhar aspectos físicos e motores, assim como questões psicológicas, sociais e culturais, provocando no docente também uma preocupação com a formação integral do aluno (GALVÃO, 2002).

A profissão professor se desenrola de uma forma instável ao longo da carreira e o que quer dizer isso? Que ela está sempre em constantes mudanças, pois deve acompanhar as mudanças que sofrem as sociedades, escolas e alunos. Muitas vezes o que o professor estudou na sua formação acadêmica, nem sempre vai ser desenvolvido em todos os locais onde trabalha, pois depende da cultura e necessidades que vai encontrar a sua frente. Algumas mudanças nos saberes e no idioma pedagógico que o professor se apropria serão fundamentais para acompanhar o processo educativo dentro das escolas. Conforme Mello (1982), ele afirma que a competência técnica do professor envolve também o seu entendimento acerca das relações dentre os vários aspectos da escola, abrangendo também a maneira de como compreende a organização da mesma e as consequências de sua ação.

Saviani (1985) procura nos trazer a importância do ponto de vista do professor em relação ao saber, trazendo uma comparação com o entendimento do saber por parte de um cientista. Esse autor nos ajuda a compreender a constituição de um idioma pedagógico, o qual o docente não é um produtor de saberes e sim um transmissor:

Enquanto o cientista está interessado em fazer avançar a sua área de conhecimento, em fazer progredir a ciência, o professor está mais interessado em fazer progredir o aluno. O professor vê o conhecimento como um meio para o crescimento do aluno; enquanto para o cientista o conhecimento é um fim, trata-se de descobrir novos conhecimentos na sua área de atuação (SAVIANI, 1985, p. 19)

A formação de professores pode-se dar de diversas formas, assim como o saber docente advém de várias fontes e que somente na prática cotidiana é que se faz brotar o “saber da experiência” (TARDIF; LESSARD; LAHAYE, 1991). A partir do texto desses autores citados acima, afirmam que a relação dos professores com o saber não se limita à transmissão de conhecimentos já existentes e constituídos, sendo que na prática, há a expressão de muitos saberes, incluídos em âmbitos,

tempos e espaços de diversas socializações. Com esse texto pode-se concluir que a prática pedagógica profissional é marcada por histórias variadas, culturas que ultrapassam a dimensão pedagógica do professor.

A profissão professor também é marcada por precariedades, desinvestimentos, dilemas e desafios, isso porque ele enfrenta dentro do contexto escolar um embate de forças, com escolas, pais, alunos, outros professores, enfim dentro do próprio sistema micropolítico da escola. O professor também deve satisfações à sociedade, pois tem que lhes preparar indivíduos capazes de interagirem dentro da mesma e conforme ela exige, ou seja, o professor responde também à sociedade. Seria muito simples se o trabalho fosse somente entrar em sala de aula e conduzi-la da maneira que achasse melhor. É uma gama de funções que cabe ao professor, além de ter que cumprir com a grade curricular da escola e da sua disciplina, cabe ao professor destinar seu tempo também para uma melhor interação com o aluno, que muitas vezes não é capaz somente através das aulas em forma de transmissão de conteúdo, cabe também como função do professor ter que avaliar seus alunos. O professor deve reservar um tempo, que muitas vezes não compreende dentro da sua carga de trabalho, para organizar e planejar o seu trabalho docente. Com isso podemos perceber que são inúmeras as metas designadas ao professor. Será que ele consegue realizar tudo que lhe é exigido, será que consegue exercer seu papel e ao mesmo tempo estar satisfeito com o seu desempenho? Será que consegue dar a atenção necessária e desejada aos seus alunos?

O professor na atualidade encontra algumas dificuldades em relação a acompanhar a evolução científica e tecnológica, que acaba por atingir à formação humana, refletindo na maneira de conduzir os homens, com isso desconcertando-o, pois cabe a profissão professor ensinar/formar crianças e adolescentes (HAGEMeyer, 2004). De acordo com essa mesma autora, nunca foi tão difícil ser professor na atualidade, a trajetória da carreira docente tem ligação direta com a educação escolar e as dificuldades e desafios enfrentados por ela. O professor está sujeito a passar por indisposições durante a sua carreira, e que segundo Nóvoa (1995 *apud* Hagemeyer 2004), essas indisposições e desgostos podem surgir de um conjunto de reações dos professores, que se desajusta frente à mudança social. Esse “mal-estar” pode desencadear na vida profissional do docente, mudanças em

suas ações práticas em aula, como isolamento, emoções negativas que se sobrepõe, desmotivação e desempenho do professor.

Ainda assim, mesmo com dados preocupantes e que façam o professor repensar a sua profissão, sabe-se que existe um grande número de professores que permanecem exercendo a sua função em dentro da escola, incluindo aqueles que não desistem dos seus ideais de educar, e que afirmam e necessitam de um trabalho organizado e que tenha um suporte à prática e a profissão docente (HAGEMeyer, 2004). Nos dias de hoje, o professor tem que ser capaz de acompanhar as modificações dentro do cenário escolar, assim como, saber como lidar com as intensas demandas e desafios que encontra nesse percurso. Para enfrentar a docência, é necessário que o professor se reinvente, quantas vezes for preciso. Para que isso aconteça, o docente tem que entender o processo que ele está passando, com isso, exige-se dele sensibilidade, coragem para enfrentar as mudanças e aprendizagens intensas. A renovação muitas vezes é fundamental para que o docente persista com seus ideais. Cabe ao professor enfrentar os obstáculos que lhes são impostos, encarar as dificuldades com força de vontade e seguir essa carreira, se for mesmo a sua escolha. Essas são as “armas” cabíveis a ele diante do turbilhão de questões que ele enfrenta na sua profissão.

2.3 JUVENTUDE E OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Discorrer sobre juventude não é uma função fácil e encontrar um único conceito para esse tema parece complicado. Segundo Portela (2012) ela não é baseada somente nos aspectos que dizem respeito à cronologia, se assim fosse, seria mais fácil abordar essa temática. Embora o desenvolvimento psicológico e físico também tenha importância, como também outras questões as quais a sociedade ou grupos sociais determinam.

Na atualidade, existem muitas formas de ser jovem, e não tem aquela que seja a correta ou a errada, eles são formados conforme suas histórias, peculiaridades, culturas, sociedades que habitam e dentre outras maneiras. É um grupo considerado muito amplo e diversificado. Nessa fase da vida eles estão se (re) descobrindo, como seres humanos, sensações, ideias, sentimentos, configurações dos grupos em que fazem parte, entre outras questões. O que muitos desses jovens querem é construir suas próprias identidades, afirmando-se assim para eles mesmos

e para a sociedade. Pode-se pensar que a partir dessas construções, os jovens estão em busca de reconhecimento e aceitação perante a sociedade, com a necessidade de se fazerem sujeitos atuantes e que possuam voz e possam ser escutados por ela.

Carrano (2009) argumenta que:

Em sociedades complexas o «eu» se faz múltiplo ajustando-se às mudanças rápidas a que é submetido. Neste sentido, um «eu múltiplo» não estaria referido a uma essência permanente, mas ao processo da própria identificação sucessiva. Assim, a identidade se configuraria como um sistema dinâmico definido entre possibilidades e limites que gera um campo simbólico no qual o sujeito pode conquistar a capacidade de intervir sobre si e reestruturar-se. (CARRANO, 2009, p.174)

É comum escutar que os jovens são o futuro da sociedade, segundo Melucci (1994), os jovens podem ser vistos como a “ponta do iceberg”, e se percebidos pela sociedade, podem sim, serem o alicerce da mesma para o futuro. Ser jovem hoje está marcado pela autonomia que possuem frente às instituições denominadas como sendo do mundo adulto, a fim de formar suas próprias identidades culturais e próprios acervos. São diversas as possibilidades que podem provocar incertezas e angústias nos jovens, isso porque se começa a preocupação de que caminhos seguir, muitas vezes, seguidos por uma indecisão de símbolos e identidades. Segundo Carrano (2009) a capacidade dos jovens de construir seus próprios repertórios culturais pode surgir daquilo que eles herdaram da família, assim como das instituições. Ou seja, ser jovem é ter uma variada gama simbólica de autonomia, a fim de construírem-se indivíduos a partir de suas escolhas e não somente daquelas que são determinadas por instituições ou adultos.

De acordo com Carrano (2009) as cidades proporcionam aos jovens espaços prontos e a partir desses espaços eles podem criar territórios que acabam por ser a própria extensão dos grupos juvenis, os quais fazem parte, exemplos desses espaços seriam: um vão de um viaduto, que improvisado torna-se uma pista de skate, uma praça, que se transforma em campo de futebol e até mesmo o corredor da escola, pode-se tornar um local de sociabilidade e encontro. Ao tratar-se da escola, instituição de ensino presente na sociedade, ela é responsável por reunir grande parte desse público jovem. Pode-se pensar que é na escola onde a maioria desses jovens deposita suas expectativas de crescimento e desenvolvimento

peçoal. A escola e professores devem conhecer e compreender que jovens estão recebendo no seu dia-a-dia, pois cada um possui características diferentes, embora algumas vezes possam parecer semelhantes, são indivíduos com peculiaridades e muitas vezes necessidades diferentes. Apesar de ser obrigatória a passagem pela etapa escolar, nem todos os jovens a frequentam pelo mesmo objetivo. É necessário compreender o que esses jovens esperam da escola, e dos professores.

Conforme Leão, Dayrell e Reis (2011), argumentam em seu trabalho “Juventude, Projetos de Vida e Ensino Médio”, que para a maioria dos pesquisadores e professores o jovem estudante do ensino médio é compreendido somente na sua concepção de aluno. Dessa maneira, parece que o aluno, o qual frequenta a escola, está ali somente para aprender os conteúdos específicos de cada disciplina, parece como um dado natural e não como um sujeito que tem sua própria construção social e histórica. Por meio disso, a escola encontra-se diante de um desafio, pois como será que essa instituição prepara-se em relação essa realidade juvenil? Será que o contexto escolar, principalmente o que é referente ao ensino médio, gestores e professor vão à procura da reflexão e conhecimento da realidade do seu aluno, na dimensão do que é ser jovem? Será que a escola conversa com seus estudantes sobre os planos que eles almejam para suas vidas, assim como as expectativas que acreditam em relação à escola? Enfim são diversos os questionamentos capazes de refletir e discutir sobre a juventude, o que querem no momento, onde querem chegar e o que querem ser. Pode-se acreditar que a escola é um lugar provável em que os jovens se apoiam, no desejo de responder as suas dúvidas e procuram nela um auxílio para trilhar o caminho a fim de conquistar seus objetivos.

Pode-se dizer que o jovem é o novo público que frequenta a escola (SPÓSITO, 2003). Esse grupo pode ser classificado como heterogêneo, pois apesar de muitas vezes estarem na mesma turma, ou terem a mesma idade, outros fatores os diferem, como a classe social, culturas que estão inseridas na sua formação, objetivos diversos a partir do que projetam na escola para suas vidas. É uma missão difícil, mas a escola tem que tentar contemplar todos esses jovens com o mesmo cuidado e atenção no processo educativo e de formação. Além de compreender as situações vividas, dentro e fora da escola, por esse grupo que a frequenta. Muitas vezes os jovens são julgados, antes mesmo de um diálogo, que na maioria das vezes se faz necessário. Ouve-se muitas críticas a esse grupo dentro do contexto

escolar, a respeito da indisciplina, desempenho, má vontade e das relações estabelecidas pelos alunos do ensino médio.

Porém os jovens vivem e têm experiências para além da escola, e conforme Carrano (2009), ele argumenta que muitas vezes os problemas vivenciados pelo estudante, em sala de aula ou no espaço escolar, não teve origem nesses lugares. Existe a possibilidade de terem surgido fora dos muros da escola, no cotidiano familiar ou outros históricos não pertencentes à instituição de ensino. Com isso, os jovens passam a serem incompreendidos sobre os contextos que vivenciam e estão imersos fora da escola. Devido a essas situações em que são expostos, acaba-se por refletir no comportamento dentro da instituição de ensino, local em que eles passam grande parte do seu tempo. Outra questão que é levantada dentro do contexto escolar são as situações de violências existentes dentro dos grupos juvenis. Segundo Carrano (2009) há uma explicação para a ocorrência de fatos desse tipo, que pode ser gerada pela falta de capacidade de argumentação e escuta não existente entre os estudantes e as instituições de ensino. A causa pode ser pela dificuldade da tradução dos sinais que os jovens tentam transmitir e que algumas vezes não são decifradas pelos seus responsáveis.

Os responsáveis pelos jovens, que são a família, escola e sociedade devem considerar a importância da fase de transição e transformação que vêm sofrendo esse grupo de estudantes do ensino médio. Além do término da vida escolar outras preocupações surgem, como a entrada no mercado de trabalho e por consequência a transição para a vida adulta. Muitas vezes o que eles querem é iguais condições de acesso às possibilidades que podem surgir com o término da vida escolar, assim como ampliar suas participações no mundo social. A escola pode contribuir para que os seus estudantes presentes nessa fase conquistem essas condições dentro da sociedade, por meio de altos níveis da educação escolar, pois essa acaba sendo peça chave no desenvolvimento pessoal do aluno (CARRANO, 2009). Cabe ressaltar que nem todos os jovens conseguem alcançar essas condições, devido às dificuldades de acesso à escola e a permanência na mesma, pois alguns jovens também enfrentam a realidade das instituições públicas, que algumas vezes acabam por não terem as mesmas condições que as instituições privadas. Como já foi dito anteriormente os jovens diferem-se por diversos fatores, e a desigualdade social é uma delas. Alguns estudantes do ensino médio entram na escola e tem por objetivo o estudo para a sua sobrevivência, ou seja, ter condições para que ao término da

escola possa trabalhar. E existem também aqueles que durante o seu ensino médio estreiam no mercado de trabalho, pois o emprego é fundamental para o seu sustento e de sua família. Leão *et al.* (2011) inspirado por Dubet (2006) nos faz pensar que a sociedade tem o poder de jogar sobre os jovens a responsabilidade deles serem mestre de si mesmos. Porém, como pertencentes de uma sociedade desigual, onde os jovens se vêem privados da materialidade do trabalho, como também das condições ao acesso de materiais para vivenciarem a sua condição juvenil, com isso, eles chocam-se com a dificuldade ao acessar os recursos para lidar com essa nova semântica do futuro, podendo dificultar-lhes a elaboração dos seus projetos de vida.

De acordo com Leão *et al.* (2011) os jovens participantes de sua pesquisa mencionaram de um modo geral que suas expectativas estão na escolarização vinculada com o mundo do trabalho, almejando uma profissão desejada. Com isso é possível refletir que a uma das constituições da condição juvenil está reforçada na centralidade da escola e do trabalho. Então é necessário um olhar mais profundo também sobre o ensino médio, última etapa do aluno dentro da escola. Será que nos anos finais o estudante absorve o essencial para sobreviver fora da escola? O que será que realmente estão aprendendo? Será que o ensino médio está preparado para receber esses jovens diferentes historicamente, inseridos em diferentes realidades familiares, com expectativas diferenciadas, dificuldades distintas e diferentes níveis de conhecimento crítico da realidade? (FRANCO; NOVAES, 2001)

Segundo Franco e Novaes (2001) enfocar o ensino médio requer um cuidado, devido a sua histórica indefinição e também pela mudança prevista em sua estrutura curricular. A LDB o agregou à educação básica, como um de seus componentes. Essa condição representou um avanço em relação às leis anteriores. Franco e Novaes (2001) em seu artigo “Os Jovens do Ensino Médio e suas Representações Sociais” realizaram uma pesquisa com jovens estudantes, uma das investigações foi sobre o motivo pelo qual esses jovens cursam o ensino médio. A maioria dos sujeitos da pesquisa respondeu por que na escola enxergam a possibilidade de melhores oportunidades de ser alguém na vida ou de ingressar no mercado de trabalho.

São diversas as configurações que estão se formando a partir do que é ser jovem na atualidade. Cabe então não somente a família e a escola, mas também a sociedade dar subsídios para a formação desse grupo. Cada vez mais eles

necessitam de recursos que os apoiem na sua entrada no mundo adulto. Eles vêm surgindo cheios de ideias, dúvidas, vontade de aprender, requerem um cuidado e uma atenção especial. Precisamos ter uma sociedade e instituições de ensino preparadas a fim de responder de forma positiva a esse público que espera muito deles.

Contudo ao investigar esse grupo presente na sociedade é pertinente refletir juntamente com o objetivo desse trabalho de conclusão de curso, o que esses jovens aprendem na escola, nas aulas e principalmente nas aulas de Educação Física, que significados e conhecimentos por meio dessa disciplina são agregados pelos estudantes do ensino médio. Compreender como se situam dentro do contexto escolar, de que maneira as aprendizagens são impostas por eles, e se essas aprendizagens e conhecimentos adquiridos na escola vão para além dela, como também se intervêm no cotidiano desses alunos. Se entendermos a juventude, é possível que a compreensão em relação aos seus sinais e ao que eles querem nos transmitir facilite o convívio dentro da escola, assim como uma atenção necessária às suas necessidades.

2.4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

De acordo com Devide e Rizzuti (2001) a Educação Física escolar em sua trajetória vem percorrendo caminhos em busca da sua identidade e legitimidade. Aos poucos foi ampliando seu campo de conhecimento e através de ampliação foi se diversificando as abordagens teóricas, métodos e maneiras de intervenção. Alguns aspectos relacionados a essa disciplina preocupam a escola, como a sua existência e a aplicabilidade de seus conteúdos. Ao longo da história da Educação Física, ela sofreu influências das instituições médicas, esportivas e militares. Percorreu um caminho político, ideológico e intervencionista. Porém a grande hegemonia na Educação Física se deu pelo esporte, que iniciou aproximadamente na década de 1960, valorizando o esporte como ação fundamental na formação do indivíduo e na manutenção da interação social.

Embora a Educação Física escolar não aborde somente esportes em sua disciplina, ela ainda está muito vinculada a essas raízes esportivas. Apesar de sua obrigatoriedade na rede de ensino, a Educação Física, mesmo estando nos currículos escolares, parece não ter atingido a mesma importância das outras

disciplinas presentes na escola. (DEVIDE; RIZZUTI, 2001). Parece-me haver um descaso com essa disciplina, um exemplo que posso citar e que experienciei enquanto aluna na graduação, foi em um dos meus estágios obrigatórios. Dentro da escola houve, durante o ano letivo, inúmeras mudanças nos horários das disciplinas, por motivos de saídas dos professores e com isso os estagiários da Educação Física tinham que sempre se adequar a essas mudanças, quando não os estagiários, os professores de Educação Física da própria escola. Por meio disso me pareceu que essa disciplina ainda falta ser legitimada por algumas escolas e comunidades, falta reconhecer a sua importância. Porém essa disciplina, por fazer parte do currículo, pode e deve abordar assuntos e conteúdos fundamentais para o desenvolvimento do aluno, um exemplo seria a formação de atitudes e valores. Segundo Guimarães *et al.* (2001):

A partir da Lei de Diretrizes e Bases de 1996, houve um esforço de reformulação das propostas curriculares, tornando a educação física componente curricular da educação básica. A partir desta nova concepção, as aulas de educação física devem desenvolver outras práticas corporais além dos esportes, como a dança, a ginástica geral, jogos e lutas, e através delas e do próprio esporte, exercer seu papel de contribuir na formação da criança. (GUIMARÃES *et al.*, 2001, p. 18)

Ainda existem muitas dúvidas sobre essa disciplina dentro das escolas, que surgem muitas vezes a partir das vivências que muitas pessoas tiveram quando estudantes. A realidade da Educação Física escolar na rede pública parece estar perdendo seu espaço no ensino fundamental e médio, por meio dessa constatação algumas questões aparecem: como é vista a Educação Física dentro das escolas? Essa disciplina está inserida na escola apenas para ser um meio de ensinar o esporte? O professor de Educação Física participa efetivamente da organização mais pedagógica da sua disciplina e nas questões da escola? (GUIMARÃES *et al.*, 2001).

Percebe-se hoje em dia, que as aulas de Educação Física em sua maioria estão basicamente voltadas para a prática esportiva, na maioria das vezes focando somente no aprendizado da técnica. Contudo é necessário analisar para quem são dadas e destinadas essas aulas, sendo grande parte crianças e adolescentes, um ser sociocultural. Com isso as aulas que são estruturadas dessa maneira, tendem a deixar de lado à formação integral do aluno, desfavorecendo algumas possibilidades

que poderiam ser desenvolvidas em aula, como o respeito, a cooperação, à afetividade e entre outros aspectos (GUIMARÃES *et al.*, 2001). Existe uma variada gama de conteúdos e atividades que podem ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física, cabe ao professor procurar desligar-se um pouco da prática esportiva, com a finalidade de apresentar aos seus alunos o máximo que essa disciplina permitir. Pode-se também focar durante as aulas a descoberta orientada e a solução de problemas. Ou seja, tem sido uma preocupação, a construção de uma Educação Física que esteja legitimada no ambiente escolar, através de conteúdos importantes para o cotidiano dos estudantes e que podem ser construídos de forma coletiva, por meio de interações na aula (DEVIDE; RIZZUTI, 2001).

O professor de Educação Física, a fim de promover sua disciplina deve também estudá-la e prender-se em algumas práticas e bases pedagógicas, com o intuito de desenvolver com seus alunos os objetivos dessa disciplina. As práticas pedagógicas presentes em aula são uma ferramenta positiva usada pelo professor. A Educação Física deve ser vista como uma disciplina que possibilite aprendizagens e desenvolvimento pessoal aos seus estudantes (DEVIDE; RIZZUTI, 2001). O professor que ministra essa disciplina pode também utilizar de diversos meios a fim de captar e atrair os seus alunos, como o prazer que ela pode proporcionar a eles. Segundo Devidé e Rizzuti (2001) a intervenção pedagógica mostra efeitos positivos diante dos alunos participantes nas aulas de Educação Física. Resulta em desenvolver uma melhor aceitação, o gosto e o reconhecimento por essa disciplina. O professor quando exerce uma prática pedagógica comprometida, pode produzir nos seus alunos, na escola onde atua e no desenvolvimento do seu próprio trabalho interpretações positivas a respeito da Educação Física.

Cabe então ao professor de Educação Física estudar e repensar sobre suas concepções pedagógicas. Segundo Gonçalves (2005), crescentes e diferentes propostas foram construídas nos últimos vinte anos na área da Educação Física e que acabaram por trazer contribuições fundamentais sobre a prática pedagógica, compreendendo que essa prática deve estar acompanhada das teorias da educação, que tem por objetivo sustentar e lhe dar sentido. As Abordagens Pedagógicas da Educação Física podem ser definidas como movimentos engajados na renovação teórico-prático, com o objetivo de estruturação do campo de conhecimentos que são específicos da Educação Física (AZEVEDO; SHIGUNOV, 2000)

Algumas referências ganharam destaque para os profissionais de Educação Física, como a psicomotricidade e a perspectiva humanista. Contudo a psicomotricidade não se consolidou como uma tendência, mas ela contribuiu ao revelar a importância das estruturas psicomotoras de base. São diversas as propostas e estudos referentes às formas pedagógicas a facilitar e as quais o professor pode apoiar-se. A Educação Física humanista de Vítor Marinho de Oliveira cooperou na discussão sobre a diretividade e não-diretividade, com ênfase no ensino esportivo e nos seus fundamentos psicológicos com base no comportamento (GONÇALVES, 2005).

Outras abordagens nos são mostradas, como as apresentadas por Castellani Filho (1999), as abordagens não propositivas, a fenomenológica, a sociológica e a cultural. A primeira trata da corporeidade, procurando a Educação Física olhar para o corpo, com a finalidade de entender seu significado. Nesse caso a corporeidade ganha destaque, o corpo que vincula o ser no mundo. Já abordagem sociológica, elaborada por Mauro Betti, é entendida com um sistema hierárquico aberto. É importante ressaltar nessa abordagem uma preocupação em garantir a especificidade da área, no ponto em que o binômio corpo/movimento é concebido como meio e fim da Educação Física escolar. Em relação à abordagem cultural, que origina a plural, de Daolio (1996), mostra que o movimento é percebido como manifestação da própria cultura, definida pela vivência e pela história do corpo de cada um. O autor acredita que a Educação Física, se buscar a eficiência técnica, desconsidera a forma como os estudantes lidam com as formas de lutas, ginástica e jogos. Com isso, procura trabalhar a fim de que as diferenças entre os alunos sejam notadas e ao mesmo tempo, valorizando-as, sem ter um modelo certo ou errado. Assim tornando como condição mínima, que as aulas compreendam todos os alunos.

De acordo com Gonçalves (2005) que ainda no campo das propositivistas não sistematizadas, encontramos as concepções desenvolvimentistas, construtivistas, crítico-emancipatória e de aulas abertas. A abordagem desenvolvimentista procura caracterizar a progressão normal e natural do crescimento físico, do desenvolvimento fisiológico, cognitivo, afetivo-social e motor. O objetivo maior da Educação Física que segue essa linha é oferecer experiências de movimentos de acordo com o nível do aluno, com isso adequando os conteúdos conforme a faixa etária. Além dos conteúdos seguir uma ordem progressiva, do mais fácil ao mais

difícil. A abordagem construtivista, tendo como representante Paulo Freire valoriza o conhecimento espontâneo dos jogos, atividades motoras e brincadeiras, que o aluno possui que algumas vezes é negada pela escola. Nessa abordagem o jogo e a brincadeiras são considerados a melhor forma de aprendizagem, pois quando se joga ou brinca se aprende. Conforme Darido (1998) essa abordagem faz refletir sobre a importância da Educação Física dentro da escola, considerando o que o estudante já sabe e ao mesmo tempo propor alternativas aos métodos diretivos.

A concepção crítico-emancipatória, tem seu centro no ensino dos esportes, mas buscando uma reflexão sobre ele. Mostra a necessidade dos alunos adquirirem conhecimentos que possibilitem além da prática, mas também o entendimento da complexidade do esporte e do diálogo. É destacada nessa linha, a valorização do que o aluno vive, assim como sua participação em geral nas aulas. Em relação à concepção de aulas abertas, como o próprio nome já diz, tem como objetivo a abertura e participação dos alunos nas decisões que diz respeito ao método de ensino-aprendizagem. O professor nessa linha surge como um mediador, entre o aluno e o conhecimento, tornando o estudante responsável também pela sua aula. Para finalizar, agora nas concepções propositivistas sistematizadas, encontram-se duas concepções, a da aptidão física e a crítico-superadora. Essa primeira esteve presente ao longo da trajetória da Educação Física brasileira. Essa abordagem volta com a discussão sobre os conceitos de estilo de vida e a importância de serem trabalhados esses conteúdos em aula. Já a concepção crítico-superadora, acredita que qualquer pedagogia deve ser considerada sobre como ensinar, mas também como se adquire os conhecimentos, valorizando o contexto dos fatos e o período histórico (GONÇALVES, 2005).

Nos parágrafos anteriores foram apresentadas diversas concepções e abordagens pedagógicas, as quais se apoiam a Educação Física, cada uma com as suas peculiaridades. Com isso o professor tem uma base teórica para o desenvolvimento de suas aulas, embora se saiba que somente ter essa base teórica não é o suficiente para que se desenvolvam as aulas de Educação Física. Essa disciplina necessita de um ambiente desejável, dentro da escola, para que aulas tenham condições de acontecer, além de materiais disponíveis, a fim de dar suporte no decorrer dos conteúdos. A escola tem que procurar oferecer condições necessárias para que a Educação Física ocorra de forma que consiga suprir as

necessidades de seus alunos, assim como os professores devem ir atrás de elementos que fortaleçam sua prática.

Por fim a escola e professores precisam apoiar e compreender a importância dessa disciplina, como qualquer outra. A Educação Física tem seus conteúdos próprios e com eles tem a responsabilidade no processo de formação e desenvolvimento de valores e atitudes. Deve ser reafirmado seu papel fundamental na formação dos estudantes, dispondo um espaço dentro da escola muito propício para reflexões e discussões, dos diversos assuntos e conflitos entre valores que circundam a escola (GUIMARÃES *et al.*, 2001).

Se pensarmos a Educação Física para os estudantes do ensino médio, objetivo desse trabalho, de acordo com Daolio (1996) ela ocorre de acordo com certo cenário, em certo enredo e para certo público, que tem expectativas sobre essa disciplina. É justamente sobre essas questões que devem ser pensadas a Educação Física e as suas aulas, a partir do professor que irá ministrá-la. No ensino médio, partindo da capacidade cognitiva dos estudantes, é possível que se amplie os objetivos dentro das aulas de Educação Física, os alunos podem desenvolver a cultura corporal de movimento, não só vivenciando-a, mas também por meio da compreensão, críticas e transformação (DAOLIO, 1996). Enfim essa disciplina deve desenvolver a vivência de valores e a construção do sujeito ético e moral dentro do ambiente escolar.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

O trabalho apresenta-se como um estudo descritivo. Com isso o desenvolvimento do trabalho se deu por meio de observações, registros, análises e correlações de fenômenos ou casos de determinada população. Esse tipo de pesquisa visa descrever as características particulares a um grupo ou fenômeno, como também as relações existentes entre as mesmas. Pode-se destacar como uma das características mais significativas desse tipo de pesquisa, o uso de técnicas padrões nas coletas de dados, assim como a observação e o questionário. Nas pesquisas descritivas, há aquelas que se destacam por ter como objetivo o estudo das características pertencentes a um dado grupo. Pode incluir nesse tipo de pesquisa as que procuram investigar as atitudes, crenças e opiniões de certo grupo (GIL, 2002).

O estudo descritivo permite se adequar melhor ao problema de pesquisa, pois valoriza a possibilidade dos colaboradores em se expressarem de forma verbal seus pensamentos, opiniões e inquietações, além de proporcionar a interação entre os colaboradores.

Com isso optei por uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva, onde as obtenções de informações se dão pelo contato direto do pesquisador com o contexto e o objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas o pesquisador procura perceber os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes do contexto estudado, e após isso, situar suas interpretações.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O estudo foi realizado em uma escola estadual de Porto Alegre, localizada no bairro Partenon. A escolha por essa escola foi devido à realização do estágio curricular em docência no ensino médio em 2013/2 nessa escola, portanto o fato de poder criar vínculo com os alunos, professores, professor de educação física e gestores da escola.

A instituição onde ocorreu o estudo possui turmas de ensino fundamental e médio com aulas nos turnos da manhã e da tarde. Há aproximadamente mil e

quatrocentos alunos, contando todos os níveis de ensino e turnos. O bairro Partenon, no qual a escola localiza-se, possui 45.707 habitantes, representando 3,24% da população do município. A taxa de analfabetismo é de 3,15% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 3,81 salários mínimos (IBGE, 2010).

Outro dado curioso do bairro em que a escola pertence é a origem de seu nome, que faz referência ao templo Partenon, localizado em Atenas, Grécia, que tinha por objetivo homenagear a Deusa Minerva. No século XIX, o bairro tornou-se cenário do primeiro hospital psiquiátrico do Estado. Atualmente, o bairro é cortado pela a Av. Bento Gonçalves, que se tornou uma das principais avenidas da cidade de Porto Alegre. No bairro há um contraste em termos residências. Podem-se notar diferenças marcantes, como por exemplo, características das áreas da Intercap e a vila Maria da Conceição: a primeira possui belas praças, amplas ruas pavimentadas e arborizadas, com residências bem distribuídas no espaço e, em sua grande maioria, construídas em alvenaria, e a Conceição, possui casas distribuídas de acordo com as possibilidades do morro, geralmente construídas em madeira e com estrutura precária. (BAIRRO..., 2010.).

O nome dos colaboradores, assim como o da escola serão mantidos em sigilo, sendo que a nomearei somente por escola.

Os participantes do estudo foram estudantes de duas turmas do ensino médio, entre 15 e 18 anos de idade. Os alunos dessa escola apresentam um nível socioeconômico de classe média baixa, sendo grande parte deles moradores das proximidades da escola. A escola localiza-se próxima ao Presídio Central de Porto Alegre e a outras instituições militares da cidade. Muitos dos alunos são filhos de militares. Além dos estudantes a pesquisa tratou de escutar duas professoras de Educação Física que compõe essa escola, são duas docentes, uma ministra aulas para o ensino fundamental e a outra é responsável pelo ensino médio. Optei por escutar também a professora do Ensino Fundamental, embora o trabalho tratar diretamente do Ensino Médio, para entender melhor o quadro da Educação Física na escola e por ela estar no mesmo turno em que foi desenvolvido o trabalho, convivendo e compartilhando espaços comigo, ao longo da pesquisa.

3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES

Para a coleta de dados me inspirei na dinâmica do grupo focal apresentada por Damico (2006), que segundo o autor, trata-se de um procedimento instiga e possibilita a interação entre seus participantes. O fator interação presente nos grupos focais facilitam o desenvolvimento dos estudos que têm por objetivo compreender necessidades, sentimentos, preferências e atitudes, ou também, investigam situações complexas, relacionadas a necessidades, dificuldades e conflitos pouco explicitados ou não claros.

O grupo focal utiliza encontros grupais para a obtenção de dados sobre questões específicas de interesse do pesquisador, a partir de discussões onde os/as participantes podem expressar, nos seus próprios termos, experiências, pontos de vista, crenças, valores, atitudes e representações (DAMICO, 2006, p. 41).

Nesse sentido, dada a exiguidade de tempo para a realização do estudo e face a complexidade da dinâmica do grupo focal, realizei com os estudantes entrevistas coletivas e grupos de discussão.

Com as professoras foram realizadas entrevistas, uma com cada professora de Educação Física da escola, com duração de no máximo trinta minutos. Além do grupo de discussão com estudantes e entrevistas com professoras, foi adotado um diário de campo, que após as observações e análises feitas durante o período que estive na escola foram registrados todas as informações e dados que se julgou importante para a continuidade dessa pesquisa. As informações advindas das entrevistas foram gravadas na forma de áudio por um gravador Panasonic, modelo RR-US450 e posteriormente transcritas.

3.4 PLANO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Ao entrar na sala da direção, procurei me apresentar à diretora dessa escola, apresentei a ela uma carta de apresentação em nome da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, devidamente preenchida, solicitando autorização para que os alunos participem da pesquisa, além disso, mencionei que estava com meu trabalho se necessário ela ler. Porém ela assinou a carta de apresentação e disse não haver necessidade de ler.

Para a coleta de informações foi apresentado às professoras o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A). Foi utilizado também um roteiro de questões para o grupo de discussões com os estudantes (Apêndice B). O questionário foi realizado como uma primeira abordagem a fim de conhecer o grupo e suas representações e aumentar a interação durante o grupo de discussão. Com essa estratégia, a ideia é aprofundar o nível de informações obtidas, esclarecendo pontos e com o poder de argumentação dos jovens para aprimorar algumas informações.

Procurei ocupar os períodos da Educação Física para as obtenções de informações para esse trabalho. Também foram realizadas entrevistas com as duas professoras de Educação Física dessa escola; os horários foram combinados conforme a disponibilidades delas e com o seu consentimento. Da mesma forma, utilizei um roteiro de questões com as professoras durante a entrevista (Apêndice C). No Apêndice D, apresento as unidades de significados que identifiquei após leitura minuciosa e atenta dos diários e das transcrições dos diálogos.

3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Após a coleta de dados, dei início à fase de discussão dos resultados através da análise de conteúdo. No decorrer da análise busquei construir categorias de análise de maneira a formular argumentos e interpretações que permitam responder o problema e as questões de pesquisa.

Comecei o tratamento das informações com a análise do diário de campo e logo após com a transcrição do áudio das entrevistas. Com isso li e reli as informações obtidas, destacando os temas mais relevantes à temática do trabalho. Agrupei as falas dos participantes de acordo com sua proximidade temática. Com os temas agrupados formulei seis categorias que me pareceram mais coerentes com o problema de pesquisa, assim como as informações. Distribui as falas nas suas devidas categorias e então analisei e discuti essas falas, procurando dialogar com a literatura e com situações da pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

Tendo como base as falas dos estudantes e professoras de Educação Física, procurei identificar e compreender o que a Educação Física no Ensino Médio dessa escola ensina para os alunos, por meio das narrações dos mesmos e das docentes. Além de compreender que outros componentes possam os fazer investir ou desinvestir nas aulas de Educação Física, assim como elementos que possam ser reconfigurados para que haja melhoria na qualidade dessas aulas.

A partir dos discursos dos alunos e professoras de Educação Física durante o trabalho de campo e apoiado na literatura a respeito do tema, construí seis categorias de análise: configuração escolar, lugares da Educação Física na escola, o docente, o estudante, os conteúdos e relação pedagógica. Na sequência, apresento-as e discuto-as.

4.1 CONFIGURAÇÃO ESCOLAR

Nessa seção me dedico a analisar alguns efeitos da configuração escolar na Educação Física e, portanto, no que estudantes representam que aprendem nestas aulas.

O trabalho de campo me permitiu aprender que, nessa escola em especial, a Direção ocupa um lugar de destaque. Sua sala está posicionada no 2º andar de um dos prédios mais altos da escola, cuja janela permite uma visão ampla e geral de quase toda a escola. Isso pode ter repercussão na Educação Física. Para alguns estudantes, a função diretiva da escola não mostra compreender os interesses dos estudantes. Para eles a escola tem outras preocupações maiores do que ter uma atenção mais especial com a disciplina de Educação Física e as necessidades e vontades dos jovens. Ou então, segundo os estudantes, o importante era cumprir o programa curricular da escola. Talvez essa escola tenha seu funcionamento conforme Gómez (1998) traz, a função social da escola, concebida como instituição especificamente configurada para desenvolver o processo de socialização dos seus estudantes, aparece puramente conservadora: garantir a produção social e cultural como requisito para a sobrevivência em sociedade.

Outro elemento importante da configuração escolar são as salas de aula. Nas salas que frequentei, pude constatar que são um pouco escuras, mesmo quando

acesas as luzes. As classes são danificadas e rabiscadas, as paredes manchadas de fita adesiva e cartazes que havia ali. Durante o trabalho de campo, em muitas oportunidades me indaguei como será que os alunos se sentem tendo aula numa sala que aparentemente não apresenta condições suficientes para suportar aquela turma. Eram salas pequenas, com ventilações precárias, algumas sem cortinas. Além de algumas salas possuírem goteiras e estarem com o teto danificado e quase desabando, devido a essas goteiras. Aconteceu na escola, durante meu período no trabalho de campo, as turmas terem que trocar de salas devido às péssimas condições.

Entendo que é necessário que o ambiente de estudo, no mínimo, suporte e tenha condições de abranger todos seus alunos, se possível um local confortável e que os alunos e professores se sintam bem. Escola deve ser um ambiente acolhedor e confortável, para que seus freqüentadores possam receber todo o suporte necessário. Além disso, o ambiente escolar deve ser levado em conta no momento das aprendizagens que podem ser proporcionadas aos estudantes. Acredito que se o espaço escolar tiver boas condições, não somente de estrutura, mas também de um suporte de profissionais qualificados, pode fazer com que haja melhoria da qualidade das aulas e até mesmo no engajamento dos alunos.

Outra reflexão importante que realizei durante o estudo é: que lugar o estudante ocupa dentro do contexto escolar? Por vezes eles parecem não ter voz. Os atos de fala e de crítica mereciam ser vistos como direito do aluno. Isso pode acontecer pelo fato dos alunos não terem esse espaço nessa escola, e quando tem a oportunidade não falam, talvez por não serem acostumados e instigados a fazer isso. Em um episódio na sala de aula, relatado no diário de campo do dia 10 de outubro, quando expliquei para a turma como seria o meu trabalho, o qual eu faria com eles, no final da explicação perguntei se alguém tinha dúvidas ou perguntas.

Ao olhar no rosto dos alunos me pareceu que estavam somente me olhando, que não entendiam o que disse, isso porque nenhum deles me questionou e nem fizeram nenhum comentário. Alguns me olhavam de uma forma bem séria, mas não esboçaram nada. (Diário de campo do dia 10 de outubro).

Eles não disseram nem sim e nem não; não se recusaram a participar, mas também não expressaram nada. Percebi que os alunos não costumam dialogar e conversar sobre assuntos que designo importantes, nem mesmo esse, que de certa

forma atingiria a eles. Será que a escola proporciona e estimula esse espaço para os estudantes? Eles não falam porque não foram acostumados ou por falta de interesse? Cabe pensar se essa falta de poder dialogar, criticar e opinar não acaba por interferir na aprendizagem dos jovens. Na Educação Física não se aprende somente na prática, existem possibilidades de aulas que tragam assuntos em que os alunos podem ser os atores principais e para que isso ocorra, seria importante que eles pudessem dialogar e conversar. Talvez o estudante ao não falar em aula, não procurar se posicionar pode acabar desinvestindo da Educação Física.

Pude observar que algumas vezes o desinteresse do aluno pelas aulas de Educação Física vêm da insatisfação com o ambiente onde são desenvolvidas as aulas. A escola está diretamente ligada a esse fator, deve proporcionar espaços adequados e que permita aos alunos a sua participação e engajamento na mesma. Pude ver alunos jogando vôlei em um saguão, com pilares e o teto baixo. Também vi uma turma praticando esse mesmo esporte no pátio da escola, com solo irregular e com pedras. É curioso, pois nessa escola há uma quadra poliesportiva. No entanto, não há suporte nesta quadra para por a rede de vôlei e nem uma rede com tamanho favorável. No diário de campo do dia 10 de outubro presenciei uma aula em que foi executada em um lugar desfavorável:

A professora colocou a rede no pátio, amarrando-a em um pilar do corredor da escola e a grade da quadra. A aula e o jogo de vôlei foram em um espaço de areia, sem marcações de linhas e com boa parte do chão irregular. (Diário de campo do dia 10 de outubro).

Ao conversar com os alunos do Ensino Médio percebi que eles precisam de respostas dentro da escola, têm a necessidade de serem sujeitos nesse espaço onde convivem. Foi comum ouvir dos alunos o porquê deles fazerem Educação Física ou o porquê da importância da escola. No diário de campo do dia 10 de outubro uma aluna disse:

Eu queria saber o porquê da Educação Física na escola, nós poderíamos aprender isso nas aulas ou então a escola tinha que nos dar uma resposta para nós. (Alice, aluna de 17 anos, 2º ano do Ensino Médio.)

Que espaços os alunos ocupam na configuração escolar? A escola permite ao aluno escolhas? Não se tratam de crianças e sim de adolescentes que querem se afirmar por onde passam. Em uma conversa com uma aluna ela me disse:

É importante o aluno ter autonomia, até porque eu tenho dezenove anos e já me considero uma adulta. (Aline, aluna de 19 anos, 2º ano do Ensino Médio.)

Mas me parece que para alguns estudantes, essa escola faz o possível e o que está dentro das suas condições para favorecer e contribuir com os seus alunos. É necessário a escola ter um olhar atento sobre o seu estudante. Não são todos que pensam que a direção da escola só se preocupa com os interesses deles. Ao conversar com uma aluna e questionar a ela como é a relação dos alunos com o poder diretivo da escola ela me disse:

A diretora da escola procura fazer o bem pelos alunos, mas nem sempre depende dela. É a Secretaria de Educação que tem o poder decisivo sobre a escola em determinados assuntos, como dizer o que a escola pode ou não fazer. (Aline, aluna de 19 anos, 2º ano do Ensino Médio).

Ao chegar nessa escola tive certa dificuldade em encontrar meios de me comunicar com a direção da escola. Observei certo distanciamento do poder diretivo em relação aos estudantes. Primeiramente pelo lugar onde se coloca a sala da direção, no segundo andar da escola, no prédio mais novo. Ela observava a escola pela janela da sua sala. Nos dias em que eu estava presente na escola a vi poucas vezes, sendo que algumas vezes ela não se fazia presente na mesma, isso em três dias que fui procurá-la em sua sala, poucas foram as vezes que a via conversando com os estudantes durante os dias em que estive pela escola realizando o trabalho de campo.

Ao escutar os jovens eles disseram-me que o ensino da escola é bom. Porém disseram não ter espaços para eles se expressarem. Falaram que a escola é uma prisão, disseram isso devido às muitas regras que existem na escola e que são impostas a eles. A fala de uma aluna nos mostra bem esse posicionamento de alguns alunos:

A escola parece uma prisão, eles têm muitas regras aqui. As regras começam nas aulas de Educação Física, não pode isso, não pode aquilo. (Aline, aluna de 19 anos, 2º ano do Ensino Médio).

Que a escola possui regras nós sabemos, e até é correto em certos momentos para manter seu funcionamento. Porém não é com punições que eles

devem tratar os seus estudantes. A punição e o castigo não parecem ser formas de educar e encaminhar o estudante a não repetir o erro, ou então a fazer da maneira correta. Elas não reagem bem quando são tratados dessa maneira, eles acabam por criar uma resistência com os professores, desinvestem e não se interessam em ir para a escola quando isso acontece. Ou então, procuram enfrentar os professores e baterem de frente quando punidos ou castigados. Assim o processo de socialização por acontecer sempre através de um complicado e ativo movimento de negociações em que as reações e resistências dos professos e estudantes como indivíduos ou como grupo, podem chegar a provocar recusa e ineficiência (GOMÉZ, 1998). Em um episódio ocorrido em sala de aula, a professora deixa claro por meio de sua fala, a punição dada aos alunos que chegaram atrasados:

Os alunos que chegaram atrasados não vão fazer os trabalhos em grupo e sim individualmente. (Rita, professora de Educação Física)

Sendo que o número de alunos atrasados nesse dia fechava o número certo que ela havia determinado por grupo. A professora combinou com a turma que seriam grupos de quatro integrantes, eles leriam a reportagem sobre a influência da tecnologia e responderiam em grupo as quatro questões escritas por ela no quadro. Havia quatro alunos fora da sala esperando tocar o sinal para começar o trabalho. Porém quando esses alunos entraram na sala a professora não permitiu que eles formassem um grupo e nem que entrassem em outros. Os alunos então tiveram que sentar em locais mais afastados da sala e sozinhos. Fizeram o trabalho em uma folha qualquer e tiveram que esperar os outros grupos liberarem a reportagem para que pudessem ler e começar a atividade.

Ao chegar à escola no dia 17 de outubro, o dia estava nublado e com pancadas de chuva. Quando o clima está assim, é possível perceber que os alunos não manifestam muito interesse pela aula. Isso devido à escola não possuir espaços adequados para o desenvolvimento de aulas práticas. Com isso há uma maior desistência por parte dos estudantes em comparecer nas aulas de Educação Física. Em outra manhã na escola, observando às aulas de Educação Física, a turma foi para o saguão ter aula, pois apesar de não estar mais chovendo, havia poças de água na quadra, ou seja, as quadras estavam sem condições para uso. Essa realidade afeta o interesse pelas aulas, segundo o comentário de uma aluna:

Quando a aula não é na quadra nós não temos vontade de fazer e é por isso que muitos não fazem. (Ana, 16 anos, 1º ano do Ensino Médio).

Embora sejam válidos os questionamentos e as reclamações dos estudantes, eles precisam entender o papel e a função que a escola exerce sobre eles e a sociedade. Ao conversar com um aluno ele me disse que não era obrigado a assistir uma palestra, se não gosta do assunto. Porém eles precisam entender que na escola não faz somente o que se quer. A escola deveria procurar saber o que desejam e o que precisam esses jovens, uma mediação entre esses dois elementos seria muito importante para que o trabalho da escola continuar progredindo, mas ao mesmo tempo, possibilitar ao estudante desenvolver seus projetos. Carrano (2009) afirma que, a escola, embora seja um espaço onde o jovem gosta de estar presente, ainda não reconhece as diferentes culturas juvenis como possibilidade de transformação e inclusão.

Mesmo contrariados os estudantes participam e fazem a aula, quando não é de seu interesse, pois eles sabem que o não participar implica em complicações para eles dentro da escola, isso já está interiorizado por eles. Porém não são todos os estudantes que não compreendem o papel e as cobranças feitas pela escola. Devia ser de interesse do aluno se apropriar do que a escola pode proporcionar a eles. Talvez essa perda de interesse venha pelo fato da escola não conseguir provocar os alunos com sinais atrativos e significativos a eles. A escola ao se preocupar em cumprir com sua função mais formal, dar conta do currículo anual, pode deixa a desejar na organização de outras atividades que envolvam o investimento do estudante. Os jovens dessa escola enfrentam a realidade de instituições públicas, que se orientam principalmente para a oferta de conteúdos curriculares formais e considerados pouco interessantes pelos jovens (CARRANO, 2009).

Na conversa com um aluno sobre a cobrança feita pela professora no início da aula a respeito do uso do celular em uma palestra que foi dada aos alunos, ele disse:

Achei válida a cobrança no início da aula, pois a palestra é para os próprios alunos e devia ser de interesse para todos. (Alisson, 18 anos, 1º ano do Ensino Médio).

Na visão da professora de Educação Física é importante sim a escola e os professores adaptarem-se aos alunos e ao que vem acontecendo, conforme seu comentário pode-se perceber essa preocupação:

Eu acho que a gente tem que se adaptar ao que está acontecendo, mas também não pode deixar eles tomarem conta. Porque a escola ainda tem que ter esse respeito, tem que ter a troca, o respeito né. (Rita, professora de Educação Física)

Ao conversar e escutar a outra professora de Educação Física dessa escola, ela mostra uma idéia semelhante a sua colega, dizendo que ainda assim quem dita às normas é a escola:

Eu acho importante a gente escutá-los né, mas ainda assim o professor vai direcionar ou aceitar, dentro das normas da escola. Mas eu acho muito importante escutá-los. (Raquel, professora de Educação Física).

Cabe acreditar que a forma como a escola se organiza e os efeitos da sua configuração escolar afetam diretamente nas aulas de Educação Física e nas aprendizagens que os alunos possam ter. Se reconfigurados alguns elementos como a estrutura da instituição de ensino e o lugar que esse estudante pode ocupar nessa escola, possivelmente possa colaborar para um aumento na qualidade das aulas de Educação Física e provavelmente no interesse dos estudantes.

4.2 LUGARES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Através do trabalho de campo pude perceber uma falta de interesse e envolvimento dessa escola a respeito da Educação Física. Por isso capítulo é destinado a compreender quais os lugares simbólicos que a Educação Física ocupa nessa escola. Além de procurar entender se esses lugares são decisivos para os estudantes, na aprendizagem ditas por eles, como também, se afeta no investimento e desinvestimento deles acerca dessa disciplina.

Ao me aproximar dos estudantes, procurei explicar a pesquisa que eu estaria fazendo com eles na escola, disse da minha preocupação em saber o que ensina a Educação Física no Ensino Médio, o que eles dizem aprender. Após dar toda uma

explicação do trabalho, perguntei se alguém tinha alguma dúvida, questionamento ou até mesmo críticas a me fazer. Porém ninguém falou nada, todos me olhavam bem sérios, mas ninguém quis falar. Essa expressão dos jovens me fez pensar que eles não têm “voz” dentro da escola. A Educação Física como componente do currículo escolar também deve permitir que os alunos dialoguem e possam se expressar, até porque isso diz à respeito deles. A Educação Física dentro da escola não pode ser vista somente como uma disciplina prática, onde os alunos necessariamente devem estar praticando dentro de uma quadra.

A Educação Física, particularmente nessa escola, é percebida de forma diferente, embora seja uma disciplina obrigatória no currículo, nem sempre é tratada com a mesma importância que as demais. A Educação Física parece ter um menor valor em comparação às outras. Esse sentido dado a ela começa na própria escola. Por vezes dão uma conotação de ser um momento de lazer, um espaço de aula bagunçado e desorganizado. Ou até mesmo um momento que o aluno precisa ter para estar “livre” da sala de aula. Ao conversar com duas estudantes sobre como era as suas aulas de Educação Física, nas escolas em que elas estudaram anteriormente, uma delas me disse:

Na minha antiga escola era só ir fazer e deu, não tinha avaliação, fazia quem gostava. (Andreia, aluna de 15 anos, 2º do Ensino Médio)

Se a escola não exige essa responsabilidade do professor de Educação Física em relação a sua disciplina, como por exemplo, provas, avaliações e progressão dos conteúdos, como é que os alunos vão entender a Educação Física com a mesma importância dada as outras disciplinas. A Educação Física é obrigatória nas escolas e acaba sim por ser fundamental ter uma avaliação e ter um programa curricular a ser cumprido dentro da escola.

Seguindo na conversa com essas alunas me parece que os estudantes estão mal acostumados em relação às aulas de Educação Física. A escola e o professor adotam uma maneira de como as aulas devem ser e com isso os alunos se acostumam com um estilo de aula. Percebi que os estudantes dessa escola não reagem muito bem quando o professor de Educação Física pede a eles que façam trabalhos escritos. Também se mostram contrariados quando a aula é teórica. Por isso a dificuldade da Educação Física, nessa escola, sair daquelas aulas tradicionais em quadra, pois acabam por cair na rotina. E quando o professor solicita algo

diferente, há rejeição por parte dos alunos. Se a escola e o professor não se mostram interessados por essa disciplina, é possível que ela tenha o mesmo caráter do “largobol”. Na fala de uma aluna observamos a reação do estudante quando essa disciplina foge da rotina em que eles estão acostumados:

O professor que era antigo na minha escola saiu, entrou um novo professor, de idade e de tempo na escola que substituiu o outro. As aulas mudaram totalmente, ele dava conteúdos, exigia mais dos alunos, assim mudanças aconteceram e nós não estávamos acostumados. (Andreia, aluna de 15 anos, 2º ano do Ensino Médio).

Cabe primeiramente então a escola procurar investir nessa disciplina, dar espaços para que ela se desenvolva na escola e mereça o seu reconhecimento. De acordo com Carrano (2009) talvez seja possível a escola pensar possíveis reorganizações curriculares, não apenas como estratégias para favorecer o ensino-aprendizagem, mas como políticas culturais e educativas que permitam reorganizar espaços e tempos de compartilhamento de saberes, assim como ampliar a experiência social e pública desses estudantes. Logo em seguida vem à responsabilidade do professor em colocar em destaque a sua disciplina dentro da escola, para que também os alunos possam perceber o valor que ela tem. O professor pode articular a Educação Física, os seus conteúdos e a vida cotidiana do seu aluno, com o intuito de promover a formação de um cidadão consciente, historicamente, situado no que acontece ao seu redor, participativo e dinâmico em aula e fora dela (FRANCO; NOVAES, 2001). Os jovens, de um modo geral, fazem a Educação Física por obrigação, pois é muito usada por eles a expressão “vale nota”. Observamos isso na fala de uma estudante, ao ser perguntada por mim o porquê dela fazer as aulas de Educação Física:

Simples, é porque vale nota. (Anabela, aluna de 17 anos, 1º ano de Ensino Médio).

Com isso, os alunos mostram que a Educação Física parece ter o seu valor de aprovação e reprovação muito mais importante do que a participação por prazer em aula e pela contribuição dos conteúdos ensinados. Contudo existem exceções, escolas, professores e alunos que dão a devida importância para essa disciplina. Existe sim o engajamento nas aulas por parte dos professores, alunos e também

apoio da escola em relação à Educação Física. Por meio da fala dessa estudante podemos perceber que na sua antiga escola, a Educação Física acontecia e era vista de outra maneira:

Na minha escola antiga era outro tipo de aulas de Educação Física. As alunas sempre participavam de campeonatos de futsal, quase fomos campeãs estaduais. As gurias faziam a aula do início ao fim. (Aline, aluna de 19 anos, 2º ano de Ensino Médio).

Percebe-se aí um maior investimento nas aulas, que acaba por refletir em um maior engajamento dos alunos. Se a escola e professores trabalharem em conjunto é possível que essa disciplina alcance o seu lugar desejado dentro da escola. Ao conversar com as professoras de Educação Física dessa escola, percebi seus esforços para que a sua disciplina se afirme com a importância que ela tem e seja levada a sério como as outras dentro da escola. Uma das professoras nas suas falas admite não ser tão simples assim:

É uma disciplina que entra junto como todas as outras, e a gente luta sempre por isso. (Rita, professora de Educação Física).

Nunca pensei em ser outra coisa. É um trabalho de formiguinha é, mas nunca me vi fora assim de escola. (Rita, professora de Educação Física).

Já que também é pouco tempo de aula, no caso a Educação Física, são só dois períodos semanais. (Rita, professora de Educação Física).

Porém não cabe somente ao professor que está dentro da escola procurar essas mudanças, eles não trabalham individualmente. O professor também depende dos alunos e da escola. Ele lida dia a dia com esses novos jovens, com a mídia e com todos os acontecimentos e novidades que os estudantes trazem para dentro da escola. Além de ser da escola a decisão final, de como devem funcionar as aulas e a organização escolar. Conforme Tardif e Lessard (2008) nos trazem que o ser professor acontece dentro da escola, lugar esse organizado, espacial e socialmente separado dos outros espaços da vida cotidiana e social. Por ser um lugar de trabalho, ela não é somente um espaço físico, também considerada um espaço social que define como o trabalho do docente deve ser repartido e realizado,

supervisionado, planejado, remunerado e visto pelas outras pessoas. Por meio das falas de uma professora podemos notar essa preocupação:

A gente tem procurado dar uma renovada, para não ficar naquele tradicionalzão, mas nem sempre a gente tem condições na escola né, de coisas diferentes assim. (Raquel, professora de Educação Física).

A falta de incentivo, especializações. Quando tu falaste aquela coisa de mudar o plano, em ter novidades, eu acho que falta também da nossa parte administrativa e financeira o incentivo para inovar, para mudar. Nós aqui não temos condições, o salário já é pouco. A gente faz um curso ali ou aqui quando dá. Mas o interessante seria se a gente tivesse mais incentivo. (Raquel, professora de Educação Física).

Através do trabalho de campo e por estar no meio desses estudantes, percebi certo desinvestimento deles em relação à participação nas aulas de Educação Física. A insatisfação pelo que pode aprender pode acontecer devido à escola não proporcionar espaços que atinjam todos esses estudantes, a insatisfação com o ambiente da aula é grande. Ao acompanhar uma turma na aula de Educação Física, a professora colocou a rede de vôlei em um espaço que não favorece essa prática. Era no pátio da escola, chão de areia, com pedras e em terreno irregular, além de não ter as marcações no chão. Havia uma aluna próxima a mim, então eu perguntei a ela porque a aula seria naquele espaço, ela então me disse:

A professora põe aqui para não perder muito tempo, é mais fácil usar esse espaço da escola. E porque lá na quadra ela não consegue pôr. (Alice, aluna de 17 anos, 2º do Ensino Médio)

Cabe pensar que a estrutura oferecida por esta escola não facilita o trabalho do professor. Existe uma quadra poliesportiva e com as demarcações no chão, porém os complementos para que aconteça, por exemplo, uma aula de vôlei não tem, como uma rede com uma extensão que atinja a quadra e os postes para amarrá-la. Então o professor utiliza de espaços impróprios para dar suas aulas. Além de que, em dias de chuva os alunos fazem aula em um saguão pequeno. Com pilares que atrapalham um pouco o desenvolvimento da aula. A escola ao não investir em seus espaços e na disciplina de Educação Física, acaba por contribuir

com a desmotivação dos alunos nas aulas, que não se sentem atraídos em fazer a aula nos espaços que lhes são dados.

Além dos espaços para um bom desenvolvimento das aulas de Educação Física, os jovens de hoje em dia têm a necessidade e a curiosidade em saber o porquê eles devem estudar determinados conteúdos, assim como fazer certas atividades em aula. Por meio da Educação Física essa disciplina pode promover que os alunos vivam e sintam-se democraticamente na sociedade e na escola. Construindo e respeitando os interesses e as necessidades individuais e as exigências da coletividade (GOMÉZ, 1998). A fala de uma aluna nos mostra essa preocupação do estudante:

Eu queria saber o porquê da Educação Física na escola, nós poderíamos aprender isso nas aulas ou então a escola tinha que nos dar uma resposta para nós. (Adriana, aluna de 16 anos, 2º ano do Ensino Médio).

O jovem está demonstrando que quer ser um sujeito importante dentro da escola. Querem ser vistos como mesmos e não generalizados. Eles necessitam de respostas, tanto o professor quanto a escola são os responsáveis a por dar essa atenção aos seus estudantes.

Já se foi o tempo em que o estudante ia para as aulas de Educação Física preparado para a prática, com suas garrafas de água e roupas adequadas. Hoje em dia as preocupações são outras, como por exemplo, não se sujar e não suar nas aulas. Estar ou não com um calçado e roupas adequadas que facilite e propicie o jovem a fazer as aulas não é necessário segundo os estudantes. A Educação Física parece não ser atrativa para os alunos no contexto investigado. É comum ver os alunos nas aulas práticas de calça jeans, as meninas de sapatilhas ou botas. Notamos isso na fala de duas estudantes:

As aulas cansam, me deixam suadas e sujas. Tem problema eu ficar assim na escola. (Anabela, aluna de 17 anos, 1º ano do Ensino Médio).

Elas vão sempre arrumadas, são cheias de frescuras, não mostram interesse em fazer as aulas, pelo menos às de Educação Física. (Aline, aluna de 19 anos, 2º ano do Ensino Médio).

Ainda assim as aulas de Educação Física podem proporcionar momentos prazerosos e de aprendizagens para seus estudantes. Um espaço onde os alunos podem interagir e socializar. Ao observar uma aula, notei os estudantes jogando vôlei, davam risadas, participaram de toda aula, do início ao fim. Ao término da aula ouvi os estudantes dizerem que gostaram, riam dos colegas do outro time e deles mesmos. O ambiente da aula estava muito agradável, o jovem percebe isso e se entrega a aula, como aconteceu nesse episódio. Porém é importante ter o cuidado para que a Educação Física na escola não seja vista somente com um espaço de lazer. Os alunos precisam entender que essa disciplina tem sim um caráter teórico, ao mesmo tempo em que se faz aula práticas, que podem ser prazerosas e divertidas, são necessárias aulas teóricas, que abordem outros conteúdos. As opiniões são diversas sobre a Educação Física na escola, de acordo com dois estudantes que dizem:

Sempre faço as aulas de Educação Física, eu gosto. Estudo aqui desde a primeira série, porém trocam-se os professores, mas os conteúdos são sempre os mesmos, futsal e vôlei. (André, aluno de 17 anos, 1º ano do Ensino Médio).

Nem precisava ter Educação Física na escola, não gosto de vir para a escola. (Anita, 18 anos, aluna do 1º ano do Ensino Médio).

Temos também a visão do professor acerca de como é possível conduzir as suas aulas, a fim de que possa contribuir e agradar a todos os alunos, além de cumprir com o currículo escolar:

Eu escutava muito a vontade do estudante. Porque uns gostam mais disso, outros mais daquilo. Mas eu tento fazer com que eles entendam que eles têm que passar por um pouquinho de cada coisa. Por mais que eles gostem só de futebol ou só de basquete. Eles têm que sair do fundamental para o médio, do médio para a vida sabendo um pouquinho de cada coisa. Assim como é nas outras disciplinas. (Raquel, professora de Educação Física).

Os alunos querem algo a mais das aulas de Educação Física, não somente fazer as aulas. Eles têm a vontade de atividades extras, como por exemplo, campeonatos, torneios, dentro ou fora da escola. Têm a necessidade da escola e professores investirem e incentivarem eles. De acordo com a fala de um estudante percebemos isso:

Com a outra professora nós fomos para o Jergs, ganhamos a etapa municipal e fomos disputar também à regional. Isso ficou muito marcante para os alunos. Depois que ela parou de dar aulas aqui, nós nunca mais participamos de nada. A escola não tem mais campeonatos. (Adriano, aluno de 15 anos, 1º ano do Ensino Médio).

O perfil das aulas de Educação Física vem mudando ao longo do tempo, já não é mais o mesmo. Isso pode ter ocorrer devido às necessidades da turma, de acordo com a maneira de conduzir a aula pelo professor, não necessariamente às aulas têm que ser dentro da quadra, como toda a turma. Aquela idéia da Educação Física tradicional já não se faz mais tão presente na escola. A escola precisa compreender as necessidades dos estudantes e do próprio professor, pois não tem pessoa melhor que ele que saiba da sua disciplina. Na fala da professora observamos como isso acontecia:

Numa época mais tradicional, a escola queria que eu tivesse dentro da quadra e com todo mundo dentro da quadra, os dois períodos ali. E se eu tomasse conta de outro espaço separando a turma já parecia assim que estava virando bagunça e que não era aula. E no fundo a gente que está ali, os alunos a gente sabe que é a aula e que a gente está se divertindo. Eu a gente tem que entender que tem menino e tem menina. E que cada aluno tem as suas características. (Raquel, professora de Educação Física).

A escola tem seus momentos de incompreensão, às vezes não compreende como funcionam as aulas de Educação Física, olhando de fora pode não entender a sua organização e por que está sendo realizada daquela maneira. Por meio do trabalho de campo, pude perceber que hoje em dia o adolescente não aceita mais esse tipo de aula, aquela aula que necessariamente precisa estar todos os alunos dentro de quadra, realizando a mesma atividade e todos ao mesmo tempo. Eles querem mais e seus próprios espaços em aula. Eles querem aulas mais liberais e sua autonomia de escolha. A professora então afirma por meio de sua fala que essa realidade vem mudando e que a Educação Física está procurando o seu espaço, pelo menos no sentido do professor em mostrar para a escola que ele está ali e que sua disciplina está em transformação no contexto escolar:

Já foi aquela época que a Educação Física não opinava, não era importante a tua opinião. Eu procuro falar bem durante os conselhos e dialogar com meus colegas, diante aquela situação, aquele aluno.

E a gente não está mais assim calado, nem parado, já foi aquela época. (Raquel, professora de Educação Física).

Chegando ao final desse capítulo podemos compreender que o lugar que a Educação Física ocupa e é vista pelos demais dentro da escola é fundamental para o desenvolvimento dessa disciplina. Principalmente, pois o reflexo desse sentido da Educação Física para a escola acaba por influenciar diretamente o estudante e com isso pode afetar suas aprendizagens em aula e no seu investimento nessa disciplina. Se a escola não reconhece ainda o lugar que a Educação Física pode ocupar no seu contexto, dificilmente esses elementos vão ser desenvolvidos de forma mais positiva para o jovem.

4.3 O DOCENTE

Tendo como base as falas dos estudantes e professores de Educação Física, procurei nessa seção me aprofundar e analisar o papel docente dentro do contexto escolar e, também, identificar que aprendizagens as aulas de Educação Física têm proporcionado aos estudantes do Ensino Médio na perspectiva dos professores de Educação Física.

Nessa escola, em especial, pude compreender que a professora de Educação Física precisa se afirmar como tal. No diário de campo do dia 10, ao acompanhar sua aula, ela chegou organizando a sala, abrindo janelas e cortinas. Logo depois dessa organização, pedia aos alunos que estavam chegando que sentassem conforme o espelho de classe, ainda disse que isso era regra da escola e que fazia parte da avaliação deles. A professora ao entrar na sala, me pareceu fazer questão que os alunos vejam que ela está ali e que a aula já começou. Logo eles devem ficar atentos a ela e ao que for pedido que eles façam em aula. Assim as primeiras imposições e regras começam cedo. Em outro momento dentro da escola, no diário de campo do dia 17 de outubro, quando a professora falava com a turma sobre o desrespeito deles na palestra no dia anterior, um aluno a contrariou, dizendo que eles não estavam interessados na palestra, ela disse:

Quando eu falo, eu tenho razão. (Rita, professora de Educação Física).

Pode-se pensar que a maneira como ela trata os seus alunos pode ser um reflexo de como acontecia com ela quando estudante e até mesmo na sua graduação, pois essa professora já tem bastante tempo de docência, está prestes a se aposentar, além de estar há dez anos atuando nessa escola. Trazendo novamente a contribuição de Galvão (2002), é importante destacar que o desempenho do professor pode depender de como de deu sua formação. No caso da professora Raquel, ela escolheu essa profissão por identificar-se com os esportes e por ter vindo de uma família de professores.

Porém não são todos os alunos que não compreendem as cobranças feitas pela professora, porém reclamam da maneira como ela se coloca ao falar com os alunos, impondo e sendo autoritária. Na fala dessa aluna podemos perceber:

Eu gosto da professora, ela quer o melhor para a gente, ela só exagera ao falar com a gente, gritando. (Amanda, aluna de 16 anos, 1º ano do Ensino Médio).

Nesse mesmo dia a professora conversou comigo como eram os estágios na sua época de formação inicial e como são agora os desenvolvidos nessa escola:

Na minha época fiz todos os estágios sozinha e acho muito melhor dessa forma. Pois quando se sai da universidade e entra na escola, o professor não dará aulas em dupla. (Rita, professora de Educação Física).

Com a sua fala podemos pensar se os professores que estão entrando nas escolas hoje estão preparados para a realidade escolar e se até mesmo aqueles que já têm um bom tempo de experiência conseguem acompanhar as mudanças sociais que ocorrem nesse ambiente. Segundo Tardif e Lessard (2007):

O trabalho docente constitui uma das chaves para a compreensão das transformações atuais das sociedades do trabalho (TARDIF; LESSARD, 2007, P.17).

O professor para poder exercer sua função depende muito da participação de seus alunos, já que a docência é uma profissão que possui suas complexidades. Apoiando-se novamente no que dizem Tardif e Lessard (2007), acreditam que é uma profissão de interações e relações humanas, esse trabalho interativo se deve por ser uma profissão que têm seres humanos como “objetos de trabalho”. No diário de

campo do dia 10 de outubro, ao acompanhar a aula da professora de Educação Física Rita, percebi que nem sempre é fácil dar sequência nas aulas, pois notei certa dificuldade da professora em começar a aula, uma vez que havia somente quatro alunos em sala. Fica difícil essa interação quando os envolvidos nela não se fazem presente. O professor nessa escola enfrenta dificuldades em relação à participação e comprometimento dos estudantes em aula. No diário de campo dia 17 de outubro a professora solicita um trabalho pra ser feito em aula, o qual ela havia avisado com uma semana de antecedência, e metade da turma não foi nesse dia. Com essa situação ocorrida em aula, cabe refletir que existe certa incompatibilidade nos projetos e desejos entre os estudantes e o professor. Com isso, o projeto pedagógico pode ser visto com pouco significado, procurando somente cumprir a formalidade exigida nos processos de escolarização.

Uma questão levantada pela professora de Educação Física Rita na entrevista foi que a família vem transferindo para o professor a responsabilidade de educar: ele tem a sua parcela de contribuição, só que não depende só dele desempenhar essa função sobre os jovens. Na família é que os estudantes vão vivenciar e ter seus primeiros contatos e impressões com a educação. A professora Raquel também trouxe essa questão na entrevista, ou seja, que a responsabilidade do professor está muito maior e que com isso, está sobrecarregado. Segundo ela, a educação está acontecendo de modo invertido, iniciando nas escolas. No relato das professoras podemos notar a sua preocupação:

Muitos não conversam mais em casa com pai e mãe, muita gente chuta o balde, e aí acha que na escola eles querem a continuação disso. (Rita, professora de Educação Física).

A responsabilidade está maior para o professor. Inclusive a educação. Inclusive hoje em dia a gente faz papel de pai e mãe. (Raquel, professora de Educação Física).

Então o que a gente pensa né, os pais jogam para a escola a responsabilidade que não é dela. Tem coisas que vêm de casa e que reflete no aprendizado do aluno em geral, em todas as disciplinas. (Raquel, professora de Educação Física).

É cabível refletir que o docente ao enfrentar esses problemas, que dificultam o seu trabalho na escola, pode resultar em sinais expressos por eles de desinvestimento e desmotivação nas aulas, como por exemplo: as condições de

trabalho na escola, relação professor aluno e a desvalorização da profissão. A desvalorização, segundo a professora Raquel, está primeiramente no sentido financeiro, onde ela diz que já pensou em desistir da profissão, devido a esse fator:

Em sentido financeiro. Olha quem está hoje no magistério está realmente porque gosta, por amor. Ou pelo fato de só ter feito isso na vida, então é o que sabe fazer de melhor. (Raquel, professora de Educação Física).

É comum na carreira do professor ele passar por desgostos e indisposições, de acordo com Nóvoa (1995 *apud* HAGEMeyer, 2004), isso se dá por um conjunto de reações dos professores, que se desajustam com mudanças sociais. Esses desgostos e indisposições podem desencadear na vida profissional do docente, mudanças em suas ações práticas em aula, como isolamento, emoções negativas que se sobrepõe, desmotivação e alterar o desempenho do professor. Esses sinais apresentados pelo professor muitas vezes são percebidos pelos alunos. Esse desinvestimento pode vir do professor em não querer participar de forma mais frequente da aula, como aconteceu e relatado no diário de campo do dia 10 de outubro. Uma aluna queria que a professora apitasse o jogo de vôlei para eles e foi pedir isso a ela, que logo responde:

Hoje vocês me querem integralmente na aula, porque será? (Rita, professora de Educação Física).

Após dizer isso a professora virou-se de costas e foi conversar com um colega que por ali passava. Embora esses fatores afetem de uma forma ou outra o trabalho do professor, penso que ele deve continuar investindo nas suas aulas. Se ele conseguir fazer com que o estudante perceba esse investimento, pode ser possível que as suas aulas melhorem. Foi possível perceber do estudante uma insatisfação quando o professor repete sempre os mesmos conteúdos, notamos isso na fala da estudante:

Eu não gosto das aulas em circuito, a professora dá esse conteúdo em praticamente todas as aulas. (Alice, aluna de 17 anos, 2º ano do Ensino Médio).

É importante o professor diversificar os conteúdos, esse pode ser um meio que facilite o andamento de suas aulas. Conforme os autores Pinheiro, Pinto, Albuquerque e Pereira (2013), é pertinente o professor ser consciente de que as aulas de Educação Física devem compreender exercícios diversificados e que devem ir ao encontro das necessidades e gosto dos estudantes¹. Não necessariamente deve se cumprir à risca o programa escolar estipulado. A conversa em aula é uma boa opção para se chegar a um comum acordo e facilitar a relação do professores e jovens. O docente também pode ir à busca do que é de interesse do estudante. É fundamental que o professor saiba a importância da sua disciplina, além disso, seria interessante que o docente consiga transmitir isso aos estudantes, pois muitas vezes eles só fazem aquilo que tem sentido para eles.

De acordo com uma das professoras de Educação Física dessa escola é o próprio aluno que não aceita quando o professor traz algo de novo, eles estão muito presos àquelas aulas em que só ocorre o jogo, o esporte, o envolvimento com bola. Essa representação de Educação Física pode acabar por desestimular o professor em ir atrás de algo novo para eles. Conforme o relato da professora:

Eu tento tirar aquele olhar de só jogar bola de correr atrás da bola, que Educação Física é muito mais do que isso. Eu juro que estou me esforçando, eu já me esforcei mais. (Rita, professora de Educação Física).

Ao conversar com as estudantes, me disseram que não é sempre que as aulas são chatas, notam o esforço da professora em trazer coisas diferentes para a aula. Na fala de uma delas percebe-se isso:

A professora já trouxe diversos assuntos para ser trabalhado em aula, eu gosto dessa parte da aula. (Aline, aluna de 19 anos, 2º ano do Ensino Médio).

O professor não pode deixar suas aulas cair na rotina. No diário de campo do dia 10 de outubro, ao conversar com alguns estudantes, cinco meninas e três meninos, insisti em saber o que eles gostam e não gostam nas aulas de Educação

¹ Essa citação não significa dizer que devemos atender sempre o desejo do estudante, mas que é preciso fazer uma conexão com o que eles precisam e desejam, e isso implica generosidade, afeto, diálogo, tolerância, porém nem sempre fáceis na escolarização.

Física. Pude compreender que as aulas mais comuns e frequentes não foram mencionadas nem como melhores nem como piores.

Os jovens dessa escola têm a necessidade do novo, conteúdos que fujam daquilo que corriqueiramente eles estão habituados a ter nas aulas, como por exemplo, o vôlei, handebol, basquete e futsal. O professor precisa investir em outros esportes e práticas corporais nas suas aulas. Conteúdos que possam trazer informações da atualidade, novidades aos jovens, que possam fazer uma ligação com o cotidiano deles ou até mesmo desafios, creio que esse estudante está disposto a isso. Eles estão sempre atentos a tudo que acontece no ambiente escolar e percebem rápido quando há desinvestimento por parte do professor. Também foi inevitável a comparação feita pelos alunos em relação à professora de Educação Física e os estagiários nessa escola. Isso porque as aulas eram diversificadas, houve a procura em trazer conteúdos que não fazem parte do currículo dessa instituição. No diálogo com duas estudantes, em situações diferentes elas me relatam situações que reforçam essa argumentação o que foi citado acima:

Gosto das aulas dos estagiários, pois eles não são professores padrões². Que o professor padrão dá conteúdos e os estagiários não. (Ana, aluna de 16 anos, 1º ano de Ensino Médio).

Na minha escola antiga o meu professor de Educação Física era o mesmo que havia dado aulas para a minha mãe, eu acho isso engraçado. As aulas com eles eram ruins e fracas, não fazíamos quase nada, ele deixava a bola com os alunos e eles jogavam. (Andréia, aluna de 15 anos, 2º ano do Ensino Médio).

É comum o professor entrar na escola e por ali ficar até se aposentar, nessa mesma escola, a professora de Educação Física disse estar ali há dez anos. Conversando com essa aluna, ela mencionou que o professor deveria ter prazo de validade. Cabe pensar esse fato, pois o professor pode não ter conseguido acompanhar as mudanças que a escola e os jovens vêm sofrendo com o tempo. E talvez por estar muito tempo na docência e não conseguir acompanhar essas mudanças o professor pode vir a se desmotivar e desistir das aulas. Segundo Cunha (1996) é importante destacar que o professor é fruto de determinado contexto social

² Professor padrão segundo a estudante remete a professora de Educação Física da escola, por ela dar sempre os mesmos conteúdos que os alunos já estão acostumados a vivenciar no espaço escolar.

e histórico. Na fala da professora podemos perceber como ela enxerga o trabalho docente:

O trabalho é uma balança constante. (Rita, professora de Educação Física).

As coisas no mundo vão mudando, a realidade vai mudando, o tipo de aluno vai mudando. (Rita, professora de Educação Física).

É de extrema importância que o professor consiga reconhecer essas mudanças pelas quais as escolas e os estudantes vão passando, a fim de conseguir fazer que seu trabalho se molde e consiga acompanhar esses novos alunos e suas necessidades. De acordo com Pinheiro *et al.* (2013), é relevante compreender e conhecer os alunos, procurar e dialogar com eles quais seus interesses, tendo em busca sua motivação e interesse, poderá aumentar a satisfação e participação na disciplina. No caso das professoras dessa escola, elas até reconhecem que os jovens estão diferentes e mudados, porém não sabem os motivos ou o porquê disso. Fica claro na fala de uma das professoras essa situação:

Eu acho que os jovens estão muito mais desinteressados hoje. Não sei se em função da vida, mudanças da idade, mas eles estão muito mais desinteressados. (Rita, professora de Educação Física).

Ainda no diário de campo do dia 10 de outubro, em uma conversa com duas alunas sobre a questão do engajamento do professor nas aulas e a decadência com o tempo de docência, eu perguntei a elas: é a disciplina que faz o professor ou o professor que faz a disciplina? Então elas me responderam:

É o professor, se ele gosta daquilo que faz, vai sempre procurar fazer o melhor, dar boas aulas. (Alice, aluna de 17 anos, 2º ano do Ensino Médio).

É a disciplina, o professor deve sempre correr atrás de se inovar e querer saber mais sobre a disciplina que ele dá aula. (Andréia, aluna de 15 anos, 2º ano do Ensino Médio).

Sabe-se que as funções do professor dentro da escola são inúmeras, não se trata somente de entrar em aula e aplicar os conteúdos de um dado campo de conhecimento. De acordo com Guimarães *et al.* (2001), para que o professor consiga

atingir as inúmeras funções que lhes são atribuídas é fundamental que assuma com integridade, responsabilidade e disponibilidade o seu papel. Segundo a colaboração de Paulo Freire (1996) é o bom senso do docente que adverte que ao exercer a autoridade de professor, orientando atividades, estabelecendo tarefas, tomando decisões, não é sinal de autoritarismo da sua parte, é a autoridade do docente cumprindo o seu dever. Embora essa autoridade exista, não impede o professor de ser flexível quando necessário, mas sempre contribuindo com a formação de valores e atitudes. Dentro dessas funções do professor, cabe a ele também compreender os jovens que recebe em suas aulas, porém sabe-se que não é fácil lidar com as diferentes juventudes que se encontram na escola. Percebi diversas vezes, dentro dessa escola, o embate entre professora e alunos por causa dos celulares e fones de ouvidos. Uma aluna nessa ocasião me disse:

Uns tiram os fones, outros não, mas o interesse na aula é de cada um e diferente de aluno para aluno. (Aline, aluna de 19 anos, 2º ano do Ensino Médio).

Por meio do trabalho de campo, foi possível aprender que a influência da tecnologia é grande nas aulas e isso incomoda muito as professoras de Educação Física. É uma luta constante que essas professoras têm que enfrentar para dar continuidade a sua prática docente. No relato de uma delas podemos notar isso:

Eu vejo que às vezes eu fico batendo de frente assim, porque os alunos agora com as tecnologias, eles querem ficar a manhã toda no celular, conversando sobre o face, sobre o que acontece, o que está acontecendo no computador, o que eles conversam. E isso me incomoda demais, porque para alguns parece que é só isso que existe, não existe outras coisas e isso tá bem difícil de trabalhar (Rita, professora de Educação Física).

Pude notar que para a uma dessas professoras de Educação Física, a aula só se constituía se tivesse todos os alunos próximos a ela, participando do que ela estava propondo. No diário de campo do dia 17 de outubro, relato uma aula em que os alunos jogavam vôlei no saguão, pois estava chovendo, e outros alunos estavam na sala de Educação Física, jogando tênis de mesa e outros jogos (até porque o saguão não tem espaço para toda turma jogar vôlei).

Os alunos que estavam na sala de Educação Física aparentavam estar divertindo-se, nas suas respectivas atividades. A professora entrou na sala, guardou

todos os materiais, raquetes e bolinhas e trancou-os no armário. A Educação Física não exige que seja necessariamente aulas práticas, com os alunos jogando bola, e nesse momento foi isso que a professora optou por escolher. Ter todos os alunos naquele espaço inadequado tendo aula (um saguão com quatro pilares de concreto dentro dele, com o teto baixo, três paredes que limitam o seu espaço, aparentando ter aproximadamente uns 6mx12m). Uma aluna saiu do saguão foi a até a sala e reclamando me disse:

*Queria jogar tênis de mesa e a professora vêm e guarda tudo.
(Andressa, aluna de 18 anos, 1º ano do Ensino Médio).*

Houve certa falta de comunicação e incompreensão da professora nesse momento. Os alunos estavam participando, envolvidos na atividade e ela resolve tirar isso deles. Ela não precisa ter todos ao seu redor para que acontecesse a aula. Seus alunos estavam empolgados e aproveitando o tempo da aula com uma atividade que também pode ser compreendida na Educação Física. Os alunos poderiam estar aprendendo algo com aquele jogo, investindo na participação em aula. Eles estavam de uma forma espontânea participando, sem que precise pedir isso a eles. É preciso que o docente perceba os sinais que os jovens demonstram em aula, nem todos são iguais e querem a mesma aula. Nesse dia, creio que não havia problema ter atividades paralelas, contanto que os alunos estivessem participando e envolvidos. O professor dificilmente vai dar conta de agradar e compreender todos os seus estudantes. De acordo com Wittizorecki, Molina Neto e Bossle (2012) o trabalho docente tem sentido e absorvido o efeito de uma sociedade diversificada, globalizada, acelerada e que tinha o ideal da educação como salvadora da humanidade. Porém essa docente ainda não encontrou respostas confortáveis ou satisfatórias que dê conta disso.

Na fala da professora podemos notar que ela reconhece essa dificuldade que faz parte da sua profissão e acaba por se ver sem saída:

Eu não vou chegar em todo mundo, eu sei que não, mas pelo menos a gente, em alguns já pensando em abrir, ver que as coisas não podem ser assim, já é grande coisa. (Rita, professora de Educação Física).

Uns eu já matei de cansaço. Mas é chato, mas é por aí, não tem outra maneira. (Rita, professora de Educação Física).

Embora no diário de campo do dia 24 de outubro, uma das professoras dá sinais de que as coisas podem ser diferentes, que investir nos alunos e nas suas aulas, ainda assim vale à pena. A professora chegou à aula como uma proposta diferente, trouxe um recorte de um jornal, sobre a influência da tecnologia no dia-a-dia das pessoas. A intenção da aula era ótima, propôs que os jovens conversassem e debatessem sobre o assunto. A professora foi atrás de assuntos que possivelmente atrairiam os seus alunos e que destacou como sendo importante para ser trabalhado em aula. Porém, ao ler a reportagem sempre enfatizava os aspectos negativos e comparava com situações que os alunos vivenciam dentro da escola. Na tentativa de fazer uma aula diferente ela acabou por afastar os alunos, por meio das suas considerações de reprovações. Ao dar a tarefa a professora retirou-se da sala e deixou que os alunos respondessem as questões que ela escreveu no quadro. Não havendo espaço para o diálogo e o debate, acabando assim a proposta que era para ser desenvolvida em aula.

Contudo, ao finalizar o trabalho de campo percebi que as professoras, embora as inúmeras dificuldades que passam na docência e, também, frente à incompreensão dos sinais dados pelos estudantes, procuram – de acordo com as suas condições e entendimentos – investir e seguir nessa profissão. A fala de uma delas contribui para o que se conclui aqui:

É o que eu gosto de fazer, independente da desvalorização na parte estadual né, do governo mesmo. A gente toca né e a gente tem a responsabilidade, que estão nas nossas mãos. Então a gente faz o que tem que ser feito. (Raquel, professora de Educação Física.

Ao encerrar essa seção aprendi que o papel docente dentro do contexto escolar pode refletir de muitas maneiras no aprendizado dos seus estudantes. O professor também sofre por transformações e enfrenta dificuldades no contexto escolar, porém deve seguir investindo na docência, a fim de qualificar as suas aulas. Além disso, a maneira que o professor percebe seus alunos e desenvolve as suas aulas tem efeito significativo no (des) investimento dos jovens do Ensino Médio nas aulas de Educação Física. As aprendizagens que as professoras percebem do estudante, vai muito de encontro quando as aulas vão de encontro ao interesse do estudante e os provocam ao desafio. Pensando de maneira crítica a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática (FREIRE, 1996).

4.4 O ESTUDANTE

Tendo como base as falas dos estudantes e professores de Educação Física, procurei nessa seção me aprofundar e analisar o que dizem eles dentro da escola, identificar que aprendizagens as aulas de Educação Física têm proporcionado aos estudantes do Ensino Médio na perspectiva deles, além de, compreender elementos que podem levar os estudantes a investir e desinvestir das aulas de Educação Física.

O trabalho de campo foi fundamental para compreender melhor de que estudante está se falando. A professora Rita na sua fala caracteriza o estudante moderno pelo seu perfil:

Têm aqueles que podem te ajudar durante as conversas, que se interessam nas aulas e são esforçados. Mas têm aqueles que têm dificuldade, que são imaturos e têm os repetentes. (Rita, professora de Educação Física).

Foi comum escutar dentro dessa escola, por parte das professoras de Educação Física, as dificuldades que os jovens possuem como a falta de interesse e comprometimento deles. Segundo as docentes, eles querem só jogar bola e ficar com os aparelhos eletrônicos. Mas de acordo com Franco e Novaes (2001) é necessário um olhar mais atento sobre o estudante, se eles conseguem absorver o essencial para sobreviver fora da escola. Se realmente eles estão aprendendo algo. É preciso refletir seriamente se o Ensino Médio está preparado para receber esses estudantes, que são diferentes historicamente, fazem parte de diferentes realidades familiares, com expectativas, dificuldades e níveis de conhecimento da realidade distintos uns dos outros. Parece-me muito simples olhar os jovens como sendo todos iguais dentro da escola. O estudante muda de escola para escola e não cabe generalizá-los. Na fala dessa estudante podemos notar essa distinção:

Os alunos dessa escola não gostam do contato nas aulas de Educação Física, o tipo de aluno aqui é diferente dos alunos que tinha na minha outra escola. Lá eles participavam. (Aline, aluna de 19 anos, 2º ano do Ensino Médio).

No diário de campo do dia 17 de outubro, percebi que em uma única turma, encontram-se diferentes perfis juvenis. Têm um menino homossexual, as alunas ditas “patricinhas”, o aluno “bombado” e que está mobilizado com a academia, os aficionados pelo futebol, entre outras características. Então, de acordo com Carrano (2009), é preciso ser levado em conta às muitas maneiras de ser jovem hoje. O professor precisa compreender esses muitos jovens que estão dentro da escola e isso não é uma tarefa nada fácil para o docente. Implica ao professor a necessidade de conhecer esses estudantes, procurar saber o que eles procuram na escola e nas suas aulas, mas, sobretudo, implica entender o que vivem e sentem fora da escola. É uma demanda docente entender que existem diferentes maneiras de ser jovem. Cabe ao professor não generalizá-los e procurar tratá-los de maneiras distintas, quando for preciso. Além da diferença de perfis, os estudantes dessa escola têm objetivos e comportamentos distintos dentro de aula, ou seja, as aprendizagens serão diferentes de estudante para estudante. O comportamento da turma pode refletir no desenvolvimento da aula e nas aprendizagens individuais de cada um. Por meio da fala do estudante podemos refletir sobre essa questão:

É complicado quando um aluno tem interesse em fazer as aulas e os outros não, assim fica difícil. (Artur, aluno de 18 anos, 1º ano do Ensino Médio).

Os estudantes dessa escola mostraram certo desinteresse pelas aulas, não chegavam no horário da aula, quando era no primeiro período da manhã. Aparentemente não gostavam das regras que eram impostas pela escola, como por exemplo, o espelho de classe³, que eles devem respeitar. Impor ao lado de quem eles tem que sentar, não me pareceu algo aceitável pelos estudantes. Pelo que pude perceber eles não se sentem reconhecidos dentro desse espaço. A escola, apesar de ser um espaço onde o estudante pode gostar de estar presente, mostra-se não reconhecer as diferentes culturas juvenis como possibilidade de transformação e inclusão. Eles querem ser vistos e ouvidos como tal, indivíduos que tem a necessidade de escolhas e também da crítica. Em suma, ser jovem é possuir amplo campo simbólico de autonomia, com a intenção de se fazer sujeito pelas suas escolhas e não somente determinadas por adultos e instituições (CARRANO, 2009).

³ Espelho de classe é uma forma de organizar e determinar onde os alunos devem sentar na sala de aula.

Os jovens que pude conhecer, por meio do trabalho de campo, procuram se afirmar dentro da escola, mas ainda lhes parece que não conseguem se comunicar no ambiente escolar. Talvez por não houver espaços em que eles possam dialogar e que se sintam a vontade e compreendidos. Porém se surgir esse espaço eles devem aproveitar as oportunidades que surgem na escola. Porém eles podem preferir por calarem-se por não querer a exposição, pelo medo da reprovação, por saber que pode estar sendo testados pela professora. Conforme Carrano (2009) se acredita que esse espaço pode vir a ser a extensão dos próprios sujeitos. O estudante merece enxergar a escola como um ponto de encontro e sociabilidade. O jovem merece se apropriar da escola e dessas oportunidades, que percebi não serem muitas, em especial nessa instituição de ensino. No diário de campo do dia 17 de outubro relato a reclamação da professora com a turma, pois eles não se interessaram pela palestra que foi organizada para eles. O assunto da palestra era sobre biologia molecular, o professor dessa disciplina trouxe um convidado para falar aos estudantes, essa palestra ocorreu nos dois últimos períodos de aula. Para que eles pudessem ir assistir à palestra, eles tiveram que deixar de ter outras aulas. Enquanto a professora falava alguns alunos balançavam a cabeça, debochavam e mostravam-se discordar do que ela falava. Na sua fala podemos perceber o comportamento dos estudantes diante a atividade que foi oferecida pela escola:

Vocês nem sequer levantaram a cabeça para olhar o que estava sendo exposto no power point. (Rita, professora de Educação Física).

Pude observar nessa escola, que alguns alunos por não conseguir se comunicar se expressam chamando a atenção para si. Algumas vezes procurando a atenção do professor, fazendo algo errado, para que então ele olhe para esse aluno. Ou até mesmo, querendo a participação do professor em aula. No diário de campo do dia 17 de outubro, descrevo o comportamento de um aluno que mostra como alguns estudantes se expressam na escola, na aula e para os professores:

O Anderson é um aluno bem falante, gosta de ser o centro das atenções, está sempre dando palpites e pitacos em tudo que os alunos e a professora fala. Por vezes ele tem um comportamento provocativo. Tem sempre respostas para tudo, algo que percebi irritar muito a professora Rita. Quando ele fala as suas "piadinhas", geralmente a turma inteira ri. (Diário de campo de 17 de outubro de 2013).

Outro fator que pode dar sinais de desinvestimento dos estudantes, nessa escola, nas aulas de Educação Física foi quando o ambiente da aula não os agradava ou quando o conteúdo da aula não interessa a eles. No diário de campo do dia 10 de outubro a professora instala a rede de vôlei fora da quadra, em um espaço cujo solo é de chão e algumas gramíneas, sem marcações. Alguns alunos, por esse motivo, não participaram da aula. Esse pode ser considerado como um dos elementos que fazem o estudante a desinvestir na disciplina, além de, interferir na sua aprendizagem. Quando a aula não faz sentido para eles, não tem o porquê de participar, embora a grande maioria participe, pois sabem que vale nota, que faz parte do currículo escolar. Porém o fazer simplesmente porque é obrigado não tem sentido para o estudante. Quando a aula, por exemplo, é de vôlei, tem alguns alunos que não são habilidosos para essa prática, não conseguem desenvolver bem em aula e nem interagir com os seus colegas, fazem, pois a participação em aula entra na avaliação da professora. No relato de uma aluna percebemos isso:

Quando a aula é só circuito, é chata; não fazemos nada além disso e não aprendemos nada com isso. (Amélia, aluna de 17 anos, 1º ano do Ensino Médio).

Porém esses estudantes mostraram-se interessados quando a escola e os professores investiam em atividades extraclases, como a participação em campeonatos fora da escola e até mesmo torneios dentro da própria escola, que atualmente não existem mais. Esse inventivo pode possibilitar aprendizagens a esses jovens, como também, pode ser um elemento que faça o aluno continuar investindo nas aulas de Educação Física. Ao conversar com os estudantes dessa escola, a grande maioria me comentou que esses campeonatos foram marcantes para eles, ou seja, têm um significado e um sentido para esses jovens, possibilitam a interação com outros estudantes e com outras experiências. Pode-se pensar que é uma forma de elevar o aluno, nesse caso, para esses alunos é importante essa exposição, mostrar as habilidades, a questão do vencer, ganhar uma partida, fazer com que seu time vença e seja reconhecido. Na fala de um aluno nota-se a importância que tinha para ele esses campeonatos ao ser perguntado se gostava de participar:

Sim, gostava. Praticamente todos os alunos se empolgavam com esses campeonatos que tinham fora da escola. (Anderson, aluno de 15 anos, 1º ano do Ensino Médio).

Através do trabalho de campo, pude colher pistas que indicaram estar muito marcante na atualidade a tecnologia que acompanha os jovens e vêm com eles para dentro da escola. O telefone celular mais recentemente e as redes sociais, parecem estar conectados a tudo que acontece hoje em dia. Trata-se, portanto, de interesses e preocupações do nosso estudante moderno, em particular os que estudam nessa escola. No diário de campo do dia 10 de outubro notei essa necessidade do jovem de estar sempre com o aparelho celular em mãos, pois ao iniciar a aula havia oito alunos com fone de ouvido e mexendo nos seus celulares. Os alunos são vistos pela professora Rita como “neuróticos”⁴ e dependentes do celular.

Muitas vezes, nessa escola, foi mais importante para os alunos estar escutando música nos seus celulares, acessar ao *facebook* que prestar atenção nas aulas. E quando cobrados pelos professores, não compreendiam o porquê dessa cobrança, pois para eles isso não é nada demais. No diário de campo do dia 10 de outubro fica explícita a reação de uma estudante quando a professora ao falar mais alto pede aos alunos que tirem os fones de ouvidos:

Eu só estava com os fones de ouvidos, mas não estava escutando mais música, não estou fazendo nada demais – termina a fala com uma expressão de espanto e chateação. (Abigail, estudante de 16 anos, 2º ano do Ensino Médio).

Os estudantes, em especial, os que fizeram parte desse trabalho, fazem questionamentos, precisam de respostas do porquê tem que aprender certos conteúdos na escola. Já foi o tempo em que o aluno ia para a escola e aceitava tudo que lhe era dito. O jovem de hoje tem essa necessidade, foi comum ouvir dos estudantes não saber a importância de determinadas disciplinas. Segundo Leão *et al.* (2011) grande parte dos professores, e também pesquisadores, o jovem que está no Ensino Médio é apenas compreendido na sua posição de aluno. Dessa maneira, o aluno aparece como um dado natural e não como uma construção histórica e

⁴ A professora nomeia e posiciona os estudantes a essa condição de neuróticos, devido o aluno demonstrar a necessidade que é estar sempre com o celular em mãos, acessando à internet ou com fones de ouvidos nas orelhas.

social. Esses estudantes estão vindo para a escola com outras preocupações, como por exemplo, é observado na fala dessa estudante:

O meu pai é enfermeiro e quer que eu siga essa profissão, mas eu quero fazer medicina. (Adriana, aluna de 16 anos, 2º ano de Ensino Médio)

Fazer a aula de Educação Física, ser o melhor em aula, o melhor jogador, talvez esses fatores já não sejam os mais importantes. Alguns alunos nessa escola já possuem responsabilidades de um adulto, já estão inseridos no mercado de trabalho. E talvez sua preocupação já não seja mais participar das aulas. A disciplina de Educação Física, por vezes exige certa disposição dos alunos, pois alguns momentos vão ser necessário esforço físico deles em aula, e isso me pareceu, dentro de algumas turmas, não ser aceitável pelo aluno. No relato de uma estudante conseguimos perceber isso:

Estou cansada, minha rotina é pesada. Acordo as cinco horas da manhã, porque eu moro em Viamão, mas estudo aqui por ser perto do trabalho da minha mãe. (Anabela, aluna de 17 anos, 1º ano do Ensino Médio)

Ao conversar com a professora de Educação Física Rita, na entrevista, ela mostrou-se preocupada com a rotina dos jovens fora da escola. Ela acredita que possa ter influência direta na aprendizagem e participação dos alunos em aula. Também nos deparamos com algumas meninas que parecem ter outros interesses dentro da escola, como namorar, estar sempre bem vestidas e o cuidado com a aparência. Pode-se pensar que esses fatores também contribuem, aos poucos, com a desistência dos jovens em aula. No relato de duas estudantes percebemos as suas preocupações:

A aula me cansa, me deixa suada e suja. Tem problema eu ficar assim na escola. (Aline, aluna de 19 anos, 2º ano do Ensino Médio).

O problema de suar e se sujar, é que depois da escola vou direto para o trabalho, não tenho como passar em casa. (Alice, aluna de 17 anos, 2º ano do Ensino Médio).

Embora os estudantes também tenham suas necessidades de serem escutados, ainda assim, eles precisam entender que estão dentro de uma instituição

de ensino, precisam seguir algumas normas para que a escola e as aulas prossigam com o seu funcionamento. Por vezes percebi incompreensão dos estudantes em relação aos pedidos da professora em aula. Não concordam com a maneira que ela conduz as aulas. Notei que dificilmente os alunos reconheciam o trabalho da professora de Educação Física, na maioria das vezes eram reclamações e críticas das suas aulas e da maneira que ela trata os alunos. Porém no diário de campo do dia 10 de outubro, uma estudante reconheceu que a professora mostra interesse nas aulas, porém ressaltou que é em alguns momentos da aula.

Existe também uma resistência por parte dos jovens, cabe a ele também se permitir aprender e estar aberto às propostas dos professores. Parece ser pouco produtivo, apenas afirmarem que a disciplina não deveria existir na escola, se não permitirem-se encontrar algo que nela interesse-os. Na fala dessa estudante percebemos isso:

A professora dá boas aulas, incentiva os alunos a fazer, porém tem aluno que se mostra desinteressado. Eles vêm sem vontade para as aulas, não dão chance para a professora mostrar que a aula pode ser boa. (Aline, aluna de 19 anos, 2º ano do Ensino Médio).

O pensamento e as idéias dos jovens estão em constantes transformações. O que hoje é uma boa aula para eles ou então um conteúdo que tenham interesse de aprender, amanhã já pode ter outra conotação. Novamente apoiada em Carrano (2009), entendo que a perda dessa linearidade pode ser apontada como uma marca da vivência da juventude na sociedade contemporânea. Pelo que pude perceber isso acontece de forma constante dentro dessa escola. Na fala da professora vemos isso claramente:

E a gente diz ué, mas vocês pediram e porque acontece isso, porque não estão mais interessados. Mas daí eu acho que é muito a questão da teimosia, de adolescente, de formação eu acho, de amadurecimento. (Rita, professora de Educação Física).

Após esses achados e por meio do trabalho de campo é possível compreender que diversos elementos estão envolvidos no investimento e desinvestimento dos alunos nas aulas de Educação Física, como o ambiente em que essas aulas são desenvolvidas, a responsabilidade de fazer parte desse grupo de jovens modernos e que estão inseridos numa sociedade em constante mudança.

Somam-se a isso os diferentes objetivos dos estudantes hoje dentro da escola, o que pode influenciar diretamente o seu aprendizado. Para eles, se torna importante o que eles vislumbram ter sentido e significado. Para compreender essa juventude, Leão *et al.* (2011) destaca as estruturas sociais cada vez mais fluídas e marcadas pela fragmentação do tempo e sob o domínio das incertezas, reforçadas pelo contexto social a qual esses jovens fazem parte. É possível entender que eles sentem a vida marcada por crescentes inconstâncias, descontinuidades, flutuações e movimentos autênticos de vai e vem, o que exige dos professores de Educação Física e de suas aulas, um permanente esforço de contextualização e ressignificação dos saberes trabalhados.

4.5 OS CONTEÚDOS

Essa seção é dedicada a compreender alguns efeitos dos conteúdos que são transmitidos para os alunos nas aulas de Educação Física, e com isso, procurar identificar que elementos poderiam ser reconfigurados para qualificar estas aulas, além de, entender se esses conteúdos levam os estudantes a investir ou desinvestir das aulas.

Através do trabalho de campo, pude compreender que os estudantes dessa escola dizem não gostar das aulas de Educação Física, isso muito em função dos conteúdos que são desenvolvidos. Esse desinteresse acontece tanto nas aulas práticas, quanto nas aulas teóricas. Pode-se pensar que esses alunos disseram não gostar, pois a maioria deles não sabe a importância, não compreendem porque tem que aprender determinados conteúdos, que fazem parte do currículo dessa disciplina ou até mesmo pelo fato do conteúdo não agregar nada a eles.

Eles podem não compreender os conteúdos da Educação Física, pois podem não enxergar onde vão poder colocar em prática o que aprenderam. Talvez a maneira como seja feita essa comunicação do conteúdo para o aluno não ocorra de uma forma que eles entendam ser suficiente para eles perceberem a importância. Essa transmissão cabe ser feita pelo professor, ele deve cuidar para não desmotivar o seu aluno quando dá certos conteúdos, por exemplo quando algo não é muito do interesse ou de conhecimento do professor, mas mesmo assim ele tem que dar esse conteúdo. É cabível refletir também que esses conteúdos podem estar ultrapassados e foge ao desejo do estudante contemporâneo. Seria interessante o

professor realizar um levantamento em aula e procurar identificar que interesses e necessidades os alunos têm nas aulas de Educação Física.

Esses podem ser motivos que dificultam as aprendizagens dos estudantes e faça com que eles desenvistam nas aulas de Educação Física. Ouvi alguns alunos manifestando-se em relação às aulas práticas de circuitos que a professora dá, afirmando não gostar desses conteúdos. Consideram monótono e chato, por ela repetir muito essa aula. Quando a Educação Física é teórica, a situação se agrava mais ainda: os alunos mostram não aceitar que possam ter aulas nesse formato nessa disciplina. Isso pode acontecer, pois os estudantes se acostumam com um estilo de aula e quando o professor tenta trazer uma nova proposta, eles apresentam certa rejeição. No diário de campo do dia 10 de outubro descrevo essa situação:

Quando as aulas são teóricas, dizem que o assunto é chato, não entendem porque ela passa esse conteúdo, dizem que não serve para nada, que não sabem por que tem que aprender determinado conteúdo. (Diário de campo do dia 10 de outubro).

Além dessa crítica feita pelos estudantes dessa escola, também foi comum escutar deles, a insatisfação em ter que entregar trabalhos nas aulas de Educação Física, pois a professora Rita costuma pedir trabalhos para seus alunos como uma forma de completar a avaliação. A falta de diversidade nas aulas também foi questionada pelos estudantes, quando a professora repete diariamente as mesmas aulas. Essa diversidade esperada pelos alunos se traduz em dificuldade na sequência, progressão e articulação dos conteúdos. Ou seja, vislumbrar uma unidade didática, um conhecimento que será desdobrado ao longo de um determinado tempo, com finalidades claramente apresentadas e pactuadas.

Ao encontrar duas estudantes no corredor da escola, elas me narraram acerca das aulas e me contaram sua posição:

Estou reclamando porque ela cobrou a entrega de um trabalho e as aulas em circuito; é só isso que nós fazemos. (Alessandra, aluna de 16 anos, 2º ano do Ensino Médio).

Todo final de ano temos aulas de ritmos, nós temos que dançar, somos obrigados pela professora. (Alexia, aluna de 16 anos, 1º ano do Ensino Médio)

Enquanto esses alunos só criticavam as aulas e os conteúdos da Educação Física, a professora procurou mostrar que nem tudo é como os estudantes enxergam. No diário de campo do dia 10 de outubro ao conversar com a professora Rita ela me expõe que tenta trazer outros conteúdos e assuntos para serem trabalhados em aula, mas que a rejeição é grande por parte dos alunos, na sua fala ela dá exemplo de uma aula em que isso ocorreu:

Eu trago para aula outros conteúdos, levei para uma aula recortes de revistas sobre a influência da tecnologia e dos aparelhos eletrônicos, para poder realizar um trabalho com os alunos, mas eles não estavam nem aí, não houve interesse por parte da turma. (Rita, professora de Educação Física).

Seria interessante pensar esses conteúdos da Educação Física de forma a poder ter uma construção conjunta entre professor e alunos. O professor pode estar preocupado em cumprir o currículo programado para essa disciplina, mas não sabe se esses conteúdos abarcam, de uma forma geral, o interesse do estudante que está na escola. De acordo com Daolio (1996) a Educação Física acontece dentro de certo cenário, com certo enredo e é destinada para certo público, que tem expectativas sobre essa disciplina. E justamente sobre essas questões que devem ser pensadas a Educação Física e as suas aulas. Em uma conversa com uma estudante eu a questionei sobre quais conteúdos ela considera importante ter nas aulas, ela prontamente me disse:

Basquete e o tênis. (Aline, aluno de 19 anos, 2º ano de Ensino Médio).

Por meio do trabalho de campo, pude entender que ainda é forte a ligação que os alunos fazem da Educação Física com o esporte. Quando perguntados que conteúdos eles gostariam de aprender nas aulas práticas de Educação Física a maioria das respostas foi o esporte. Conforme nos traz Guimarães *et al.* (2001), as aulas de Educação Física ainda estão muito voltadas às práticas esportivas, dando maior importância às suas técnicas. Sendo o jovem um ser sociocultural, percebe-se que essas aulas voltadas às técnicas esportivas fragmentam a formação integral do aluno, podendo deixar de lado fatores como respeito mútuo, afetividade e cooperação. Os conteúdos ensinados em aula não podem ter a preocupação

somente com o ensino das habilidades, mas também com a formação integral do aluno (GALVÃO, 2002).

Com o pedido da aluna, em ter basquete e tênis, acredito que o aluno pede somente aquilo que ele já conhece. Pode ser mais difícil fazer com que os alunos tenham outros interesses e queiram aprender e ter novas vivências na Educação Física, quando, por exemplo, no Ensino Fundamental, mencionado por alguns estudantes, eles terem tido somente aulas práticas e de futsal e vôlei. A Educação Física deve proporcionar aos alunos diferentes conteúdos e possibilidades de aprendizagens, para que a imagem desta disciplina não seja que eles não aprendem nada, ou então, que só sabem jogar futebol. Não pode ser vista como uma disciplina que somente reproduz conteúdos de um ano para o outro, não deve ser limitada aos mesmos conteúdos ano a pós ano.

A Educação Física merece proporcionar ao aluno a maior diversidade de conteúdos possíveis para que eles não fiquem somente com a idéia do esporte, do jogar e da bola. Porém, segundo a professora Rita, os alunos insistem em querer jogar nas aulas de Educação Física, não importa se é com ou sem regras. O importante é vir para escola para jogar bola, é conversar na quadra e vir para bater papo nas aulas. Os estudantes querem jogar o que eles gostam. Porém é fundamental a questão da diversidade de conteúdos: deve ser levada em conta como umas das reconfigurações a serem feitas na Educação Física, a fim de procurar melhorar as aulas e contemplar esses jovens. De acordo com o relato no diário de campo do dia 10 de outubro, tento indagar outras respostas das alunas:

Tentei fazer com que as alunas me dissessem algo a mais que pudesse ser desenvolvido nas aulas práticas de Educação Física, porém elas só souberam me falar de esportes com bola e atividades em forma de circuito. Até hoje, essas alunas que estão no segundo ano do Ensino Médio só tiveram essas vivências práticas em aula. (Diário de campo do dia 10 de outubro)

Os estudantes mostraram-se interessados nas aulas quando para eles os conteúdos têm alguma finalidade, quando eles têm as respostas que esperam, quando esses conteúdos despertam o interesse do jovem e também quando o conteúdo desenvolvido favorece para uma aula prazerosa, em que os alunos possam interagir e socializar. Conhecendo esses estudantes, pude perceber que o novo interessa a eles, quando o professor consegue trazer para escola aquilo que

geralmente não é comum, isso pareceu atrair os estudantes. Em geral, quando perguntado aos alunos que conteúdos ou aulas eles lembravam como as melhores que tiveram as respostas não foram às aulas que teve o jogo ou o esporte, como percebemos na fala desses estudantes:

Tive uma aula teórica que foi muito interessante que eu sempre lembro. Foi uma aula em que a professora falou sobre movimento corporal, explicou a diferença entre os exercícios e os circuitos que a professora dá em aula. (Aline, aluna de 19 anos, 2º ano do Ensino Médio).

A professora ano passado deu uma aula sobre cardio e que eu gostei bastante, não imaginava a ligação que tinha com as aulas de Educação Física. (Antônio, aluno de 17 anos, 2º ano de Ensino Médio).

Teve um conteúdo que eu aprendi nas aulas de Educação Física e que levei para fora da escola. Aprendi sobre alimentação saudável, comecei a cuidar o meu hábito alimentar, parei de tomar refrigerante e comecei a comer mais saladas e frutas. (Alex, aluno de 17 anos, 2º ano do Ensino Médio).

É cabível pensar que pode estar faltando ao aluno é o porquê de estar fazendo ou o porquê de aprender determinados assuntos em aula. Esses estudantes, em especial nessa escola, parecem ter a necessidade de saber a importância ou até mesmo a curiosidade sobre os conteúdos que são desenvolvidos em aula. Pode-se compreender que as aprendizagens que os alunos têm em aula é maior quando eles recebem um retorno de volta e isso faz com que eles sigam investindo nessa disciplina. É importante refletir, segundo Guimarães *et al.* (2001), que a Educação Física, por estar presente no currículo, pode abordar aspectos fundamentais para o desenvolvimento do estudante. Entre eles, pode-se mencionar a formação de atitudes. A professora quando procurou trabalhar em suas aulas alguns temas transversais na Educação Física, teve boa aceitação por parte dos estudantes. No diálogo com uma aluna ela mostra seu interesse nessas aulas dadas pela professora:

Uma vez teve uma aula que ela deu sobre saúde, eu achei bem importante. E também o fato de colocar os alunos em movimento, para eles manterem-se ativos. (Adriana, aluna de 16 anos, 2º ano do Ensino Médio).

Algumas alunas reconhecem o trabalho da professora em trazer assuntos diferentes para ser discutido e dizem gostar dessa parte da aula. Mas ainda assim elas dizem que precisa haver melhorias nas aulas práticas e possibilitar aos alunos a vivência de outros conteúdos para ser desenvolvidos nessa parte da aula. Ao conversar com uma aluna, ela comparou a aula dos estagiários com a da professora. A estudante afirma ter ficado surpresa, pois eles propuseram uma brincadeira em aula. Na fala dela percebemos essa diferença:

Gostei muito das aulas dos estagiários, eles faziam brincadeiras, elas podiam parecer chatas, mas não eram. Eu ia sempre animada para fazer as aulas, cada aula era algo novo e me interessava. (Andressa, aluna de 18 anos, 1º ano do Ensino Médio).

A professora Raquel mostra-se preocupada de que forma os conteúdos da Educação Física podem colaborar com a aprendizagem dos estudantes e a formação do ser humano, como indivíduo social. No seu relato podemos perceber essa questão:

É aquela coisa da integração, do respeito mútuo, do companheirismo. A Educação Física trabalha muito os grupos, nessa interação assim né, até a desinibição de muitos alunos, às vezes tu pega um aluno lá do quinto ano que é inibido e na oitava série é outra pessoa, completamente diferente. Então eu acho que é isso interação social, o respeito, o saber dividir, a colaboração entre eles. A nossa disciplina trabalha muito isso. A parceria. E eu acho que isso eles levam para a vida deles. (Raquel, professora de Educação Física).

A Educação Física, assim como qualquer outra disciplina, tem a responsabilidade na concretização do processo de formação e desenvolvimento atitudes e valores, por esse motivo, deveria considerar como parte de seus conteúdos (GUIMARÃES *et al.*, 2001). Ao final desse capítulo, é possível considerar que a natureza dos conteúdos da Educação Física transmitidos aos estudantes e o processo pedagógico que lhes desdobra, são fatores importantes para o investimento deles nestas aulas e afetam diretamente na aprendizagem deles. Alguns elementos na escolha dos conteúdos devem ser repensados para que se possam qualificar as aulas, como o contexto em que os alunos estão inseridos, as suas necessidades, interesses em aprender conteúdos não habitualmente vistos na escola e engajamento do professor ao transmitir esses conteúdos aos estudantes.

4.6 RELAÇÃO PEDAGÓGICA

Essa seção busca, por meio de uma análise mais profunda, compreender e identificar os aspectos da relação pedagógica que mediam as aprendizagens dos estudantes dessa escola nas aulas de Educação Física. Pretendo compreender também, como essa relação professor e estudante, interfere no investimento ou desinvestimento nessa disciplina, por parte destes últimos.

Através do trabalho de campo pude entender que existe uma relação fragilizada entre os estudantes e a professora de Educação Física no Ensino Médio dessa escola. Existem alguns elementos que atravessam essa relação. Pode ser que o professor por ser produto de uma construção história diferente dos estudantes possa não compreender o que eles dizem. Por outro lado, o estudante por estar se afirmando, pedindo autonomia dentro da escola, acaba por não compreender que ali existe um professor, com responsabilidades sobre eles. Esses entraves e barreiras existentes na relação entre eles estão fortemente marcadas e parece ser difícil mudanças de posições. No diário de campo do dia 10 de outubro relato como a professora se remete a falar de alguns estudantes, havendo da sua parte uma rotulação dos estudantes:

Ela me falou da visão que tinha dos alunos, praticamente rotulando alguns deles, como o roqueiro, eu usa botas e muitos acessórios, que segundo ela atrapalha ele nas aulas de Educação Física. Mencionou também o casal de namorados, que querem estar sempre juntos durante as aulas. Falou das meninas que de acordo com a professora não querem nada com nada, só falam de facebook e outros assuntos. (Diário de campo do dia 10 de outubro).

Enquanto a professora rotulava os seus estudantes, também vinham críticas por parte dos alunos. Foi comum escutar deles um sentimento de autoritarismo, face às exigências com que a professora leva a relação com eles. Uma aluna chegou até a dizer:

A professora menospreza os alunos. (Alice, aluna de 17 anos, 2º ano do Ensino Médio).

Pode-se pensar que um grande problema nessa relação é a comunicação entre ambas as partes, o reconhecimento dos sinais expressos por eles e que não são

compreendidos por quem está do outro lado. A imagem que a professora dessa escola passa para os alunos está formada e dificilmente eles mudam de opinião ao falar dela. Mas os estudantes também devem procurar mudar suas concepções e conceitos em relação ao professor. Eles parecem não compreender – neste momento – que o docente também possa passar por exigências e cobranças que nem eles. Não enxergam a função que o professor tem que cumprir dentro da escola.

De acordo com Cordeiro (2011) a linguagem com certeza é estruturante da relação pedagógica e tem forte influência na aprendizagem dos alunos. Pude notar nesses alunos quando a professora falava de uma maneira mais rigorosa e impondo como deveria ser, aumentava a rejeição em relação à professora. Na fala de um estudante percebemos como ela compreende essa relação:

A professora não nos obriga a participar, ela entra no nosso psicológico. (Alisson, aluno de 18 anos, 1º ano do Ensino Médio).

Em vários momentos me parecia importante para a professora mostrar aos alunos que quem estava no comando era ela. Ao agir dessa maneira, algumas vezes, ela acabava por expor os seus alunos, como por exemplo, fazia questão de chamar em voz alta aquele que chegava atrasado. Ao início das aulas não se ouvia um bom dia, um gesto mais cordial, era sempre feita uma cobrança ou um olhar reprovador. Pode-se pensar que essa cobrança diariamente e essa exposição do estudante, faça com que eles se distanciam cada vez mais do professor, podendo até desinvestir nas aulas de Educação Física. No diário de campo dos dias 10, 17 e 24 de outubro ocorreram situações similares e recorrentes que me leva a refletir essas questões:

Sentem conforme o espelho de classe, isso é regra da escola e faz parte da avaliação de vocês. (Rita, professora de Educação Física).

Eu não gosto de dançar e me apresentar para os colegas no final do trimestre, mas vale nota e eu sou obrigada a fazer isso. (Anabela, aluna de 17 anos, 1º ano do Ensino Médio).

Viu e depois tu pergunta por que a gente não gosta dela. (Anabela, aluna de 17 anos, 1º ano do Ensino Médio).

Embora as cobranças demasiadas fossem características dessa professora, algumas vezes percebi que essas cobranças vieram em forma de conselho mais amigável para os alunos. Ela mostrava-se preocupada com as dificuldades dos estudantes, não só na sua disciplina, assim como nas outras e estava sempre enfatizando aos alunos que eles deveriam procurar melhorar. Creio que o professor também pode ser visto como um aliado dos alunos. Para isso é necessário entender quem são eles e procurar, quando for preciso, usar a mesma linguagem, falar de igual para igual.

Percebi certa dificuldade desses jovens ao escutar a palavra “não”, eles não reagem muito bem a ela, quando são negadas a eles algumas coisas dentro da escola. A relação que se estabelece entre estudante e o docente são fundamentais para que as aprendizagens em aula aconteçam e sejam satisfatórias. O professor, ao desempenhar o seu papel, pode moldar o caráter do seu aluno, e com isso, deixar marcas de grandes significados na sua formação (MACHADO, 1995).

Pude perceber que há outro fator, além da comunicação e linguagem, que está presente atualmente e que atravessa essa relação dos docentes com os seus estudantes. A questão das tecnologias em aula e o que isso influencia no desenvolvimento dela. Conforme Hagemeyer (2004), o professor na atualidade encontrar algumas dificuldades ao acompanhar a evolução tecnológica que atinge os seus estudantes, e isso pode refletir na maneira de conduzir os alunos, podendo haver uma desconcentração, pois cabe ao docente ensinar e formar os adolescentes. Essa tecnologia está muito presente em aula e nos estudantes, faz parte da evolução deles, isso os acompanha, porém percebo uma dificuldade da professora ao lidar com isso, que não seja de forma rígida e autoritária. No diário de campo do dia 10 de outubro é nítida essa tensão que ocorre em aula. A professora, por vezes, age de forma precipitada ao ver seus alunos de fones de ouvido, se dirige a eles com o tom de voz mais alto, sendo que alguns, antes mesmo dela pedir já estão tirando seus fones. Os alunos, por sua vez, dizem que a professora não os entende e não os compreende. No diário de campo do dia 24 de outubro a professora entra em sala e se retrata os alunos:

Vocês são viciados em tecnologia. (Rita, professora de Educação Física).

Apesar das muitas críticas que os alunos faziam a professora, pude perceber que eles queriam, em certos momentos era a sua participação em aula, mais atenção dada a eles. No diário de campo do dia 10 de outubro é possível perceber esse pedido de uma aluna:

Uma aluna queria que a professora apitasse o jogo, queriam que a professora participasse de forma mais ativa, que ela os visse jogando em aula. (Diário de campo do dia 10 de outubro).

Ao mesmo tempo em que os alunos queriam essa atenção e compreensão da professora, pediam também autonomia em aula, que eles pudessem escolher e decidir algumas questões em aula, como por exemplo, montar os times para esse jogo, e até mesmo, se possível o professor dar espaço para os estudantes contribuir com o planejamento das aulas. Percebi que quando isso acontecia os alunos mostravam-se mais interessados e engajados em aula, esse elemento é importante, pois pode facilitar na aprendizagem dos estudantes, assim como no investimento deles em aula. O jovem estudante do Ensino Médio, dessa escola, deseja ter esse poder de decisão e autonomia quando possível. O trabalho pedagógico para se efetivar, depende muito do engajamento e colaboração dos alunos, e isso pode ser obtido a partir de um conjunto de interações pessoais, que são geridas pelo professor, mas nas quais o estudante tem um papel e um peso decisivo (CORDEIRO, 2011).

Não é somente a relação professor e estudante que atinge as aulas de Educação Física, existem também os conflitos entre os próprios estudantes. Isso pode interferir no desenvolvimento nas aulas e na participação dos próprios alunos. No diário de campo do dia 10 de outubro, ao conversar com uma estudante eu perguntei se ela gosta dos seus colegas de turma:

Não, tenho problemas com duas outras colegas, não gosto do jeito que elas têm amizade com os guris, estão sempre agarrados pela escola. (Aline, aluna de 19 anos, 2º ano do Ensino Médio).

Certamente a relação não acontece favoravelmente somente quando o professor cede ou somente quando cabe a ele compreender o estudante. Pode ser visto como uma troca de favores. O jovem também deve colaborar para que se estreite essa relação e esse vínculo. É fundamental tanto o professor quanto os

estudantes investirem nesses laços, a fim de beneficiar ambas as partes. Um olhar mais atento, um pouco mais de paciência, desenvolver o poder de escuta. De acordo com Carrano (2009) a capacidade de argumentação e escuta são dois recursos fundamentais, que quando deixam de existir, podem gerar situações conflitantes. Muitos desses conflitos podem ocorrer em aula por certa dificuldade de professores e estudantes não conseguirem decifrar os sinais que são transmitidos.

Conforme Gómez (1998), em primeiro lugar, a vida da aula, assim como de qualquer instituição social ou grupo, pode ser descrita como um cenário vivo de interações onde se intercambiam explícita ou tacitamente ideias, valores e interesses distintos e seguidamente enfrentados. Poucas vezes eu ouvi algum estudante falando algo positivo da professora, mas em algum momento isso aconteceu, quando eles percebem que a professora mostra interesse na aula. O professor depende e muito da contribuição do aluno para que isso aconteça. A aula é um espaço de troca mútua. Interpreto que os alunos dessa escola, já deixaram comunicado que se a professora mostrar que pode ser diferente, eles também podem facilitar para que o ambiente de aula seja muito melhor. Provavelmente a aprendizagem e o interesse na aula seriam outros. A fala da professora também nos mostra essa compreensão que ela tem:

Se o professor está mostrando interesse para que eles contribuam com a tua aula. Acho que essa troca faz com que eles enxerguem que a coisa é importante. (Rita, professora de Educação Física).

Porém algumas situações que ocorrem podem vir a fragilizar essa relação. Por exemplo, uma combinação feita, mas que não foi cumprida em aula. De acordo com Devide e Rizzuti (2001), o docente quando exerce uma prática pedagógica comprometida, pode produzir nos estudantes interpretações positivas a respeito da Educação Física. Diferentemente como aconteceu no relato do aluno, no diário de campo do dia 10 de outubro:

Uma vez a professora havia dito que daria uma aula sobre primeiros socorros, porém ela prometeu, mas não cumpriu, foi algo que me frustrou, pois estava interessado em aprender sobre isso. (Altemir, aluno de 17 anos, 2º ano do Ensino Médio).

No diário de campo do dia 17 de outubro relato o estranhamento entre a professora e um estudante, onde aparentemente não havia um motivo em especial para acontecer. Com isso, a manhã começou com um clima tenso e um ambiente de aula pesado. Carrano (2009) nos faz refletir que muitos dos problemas que os educadores enfrentam em aula e nos espaços escolares com os jovens, têm origem em incompreensões sobre os contextos não escolares, os cotidianos e os históricos mais amplos, em que estão imersos esses estudantes.

Quando a professora os viu fora da sala começou a resmungar e a xingá-los, dizendo que era para todos estarem esperando por ela sentados nos seus lugares. O aluno então respondeu para ela, dizendo que havia deixado eles ficarem lá e ela negou; ainda chamou o aluno de chato, porém somente eu escutei. (Diário de campo do dia 17 de outubro).

Entendo que seria produtivo se o docente investisse em uma maior relação de incentivo e estímulo para os estudantes, isso pode facilitar o investimento em aula e as aprendizagens. Somente negar a eles as oportunidades que gostariam de ter em aula dificulta essa relação. No diário de campo do dia 17 de outubro relato quando a professora recolhe um material e guarda no armário, mesmo sabendo que têm alunos que gostariam de continuar com aquela atividade. Para eles era importante estar ali conversando e jogando com seus colegas, porém para a professora não foi compreendido dessa maneira. Do ponto de vista dos alunos, a escola possui uma dimensão relacional e afetiva que é percebida por eles, em diversos momentos, como mais relevante e significativa do que aquilo que a escola formalmente se propõe a cumprir, em termos de ensino e aprendizagem do conjunto de saberes curriculares (CORDEIRO, 2011).

Acredito ser possível que o professor invista no vínculo com seus alunos, fortalecendo a relação pedagógica, mas ao mesmo tempo, demonstre que existem regras as quais todos precisam respeitar. A conversa pode ser um bom instrumento nas negociações e combinações entre professores e alunos. Não precisam a todo o momento se retratarem dessa maneira. Uma conversa nos corredores do pátio, um espaço mais livre em aula para o diálogo, a possibilidade de uma construção conjunta, esses elementos poder entrar junto com o professor em sala de aula e configurados para que aumente a qualidade das aulas. No diário de campo do dia 24 de outubro, relato uma das poucas vezes em que vi a docente e alunos tendo uma

conversa amigável, sobre outros assuntos, que não fosse à cobrança por parte dela e as reclamações dos alunos em relação às aulas. Pode-se refletir que nem sempre será por meio dos conteúdos dados em aula que a professora vai agradar e ser amiga dos alunos. Por meio da fala desse estudante, formulei esse entendimento, quando falamos de uma antiga professora da escola:

A pessoa em si dela era boa. A diferença dela nem eram os conteúdos dados em aula, ela conversava com os alunos e não chegava gritando em aula. (Anderson, aluno de 15 anos, 1º ano do Ensino Médio).

Embora não seja fácil ter uma relação produtiva e vínculo com todos os alunos, a professora reconhece por meio da sua fala o princípio mais importante dessa relação, mas ao mesmo tempo a dificuldade que existe:

Acho que além de professor a gente pode ser amiga do aluno, pode ter uma abertura. (Rita, professora de Educação Física).

Mas hoje se a gente tem essa distância, a gente não consegue. (Rita, professora de Educação Física).

Chegando ao fim dessa seção, ela pode nos fazer refletir sobre o quão importante é a relação pedagógica e o vínculo estabelecido entre os professores e os jovens. Não é uma construção que se faz de forma rápida e facilmente, segundo Cordeiro (2011), longe de uma visão idealizada e romantizada da relação pedagógica, é preciso aceitar que ela se instaura em um espaço de tensões e conflitos, que devem ser assim percebidos, para além de uma divisão muito estática e imutável dos papéis.

Alguns elementos atravessam essa relação, como a linguagem e a comunicação, a tecnologia, a incompreensões dos estudantes, entre outros. Porém esses elementos devem ser lapidados tanto pelo docente como pelo aluno, pois acredito ser essa relação o fator mais importante nos momentos da aprendizagem e do investimento nas aulas de Educação Física.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a construção desse trabalho pude entender melhor que as aprendizagens ditas pelos alunos e professoras de Educação Física da escola investigada dependem de muitos elementos, como a configuração escolar, o lugar que a Educação Física ocupa nessa escola, a função do professor, as compreensões dos estudantes, os conteúdos e também de como se estabelece essa relação pedagógica. Pude compreender que essa disciplina tem muito a ensinar, mas cada indivíduo a compreende e a percebe da sua maneira.

Ao escolher o tema o que ensina a Educação Física no ensino Médio, foi importante procurar escutar o que pensam os jovens, assim como o professor. Ambos são os atores principais dessa construção. Foram fundamentais os diálogos com os estudantes, para ouvir o que eles tinham a dizer, seus desejos e anseios, assim como suas frustrações. Além de escutar o estudante, ouvir o docente foi também fundamental para essa construção, já que ele é também responsável pela aceitação de sua disciplina perante os estudantes. Ambos necessitam falar e expor as suas compreensões.

Foi possível entender que a configuração escolar interfere no desenvolvimento das aulas, o professor depende das disposições e organizações da escola para poder construir as suas aulas. Foi possível identificar sinais de desinvestimento em relação às aulas de Educação Física quando não se têm espaços e materiais adequados para desenvolver as aulas e isso pode acabar por refletir na aprendizagem dos estudantes. Entendi também que o distanciamento do poder diretivo em relação aos alunos pode repercutir nas aulas de Educação Física, de acordo com alguns estudantes a escola mostrou-se não compreender os interesses deles.

Outro elemento que se pôde destacar é o lugar que o estudante ocupa nessa escola: as aprendizagens estão mediadas também pelo espaço que os alunos necessitam para se expressar na escola. Esses sujeitos têm a necessidade de respostas, de serem compreendidos e vistos como cidadãos no ambiente escolar, o qual é destinado a eles. Se a escola falha nesse sentido, contribui para que os alunos não queiram aprender nas aulas de Educação Física. Porém a escola não é vista da mesma maneira por todos os estudantes, alguns conseguiram entender e

compreender que a escola faz o possível e o que está ao seu alcance para cumprir, no mínimo, a sua função política e social.

O lugar que a Educação Física ocupa nessa escola também foi cabível de analisar e compreender que é determinante na aprendizagem e no (des)investimento dos estudantes em relação a essa disciplina. Essa disciplina por ser vista como prioritariamente prática, tanto pela escola, como pelos estudantes, geralmente quando houve aulas teóricas as rejeições surgiram por parte dos alunos. Pode-se pensar que isso aconteceu por estarem acostumados com um mesmo estilo de aula, prática e ocorrendo na quadra ou pátio da escola. Embora se notasse esforços e buscas pelas professoras de Educação Física em desfazer essa visão dentro da escola que as aulas têm que ser somente práticas. Elas traziam propostas para que se desenvolvessem aulas diferenciadas e que não necessariamente na rua.

A Educação Física pareceu ter menor valor em relação às outras disciplinas, acontecendo de ser confundida como um momento de lazer ou espaço livre para os estudantes. Os alunos por perceberem a Educação Física dessa maneira, muitas vezes participavam por entender que era obrigatória, colocando seu valor de aprovação e reprovação na frente das possíveis aprendizagens e ensinamentos que a Educação Física pode proporcionar a eles. A escola também é responsável por estabelecer que lugar e como essa disciplina é percebida no seu contexto, às vezes não compreendem que o funcionamento dela é diferente das demais e que é necessária que seja assim. Seria necessário um trabalho em conjunto da escola e do docente para que a Educação Física possa ocupar um lugar de destaque dentro do espaço escolar.

Foi possível perceber outro elemento importantíssimo dentro da escola e que afeta e direciona os estudantes a aprender nas aulas de Educação Física. O papel do professor dentro do contexto escolar também é importante para entender as aprendizagens de acordo com o entendimento do docente. Houve uma necessidade da professora de Educação Física de se afirmar dentro da escola, optando assim por adotar uma forma mais autoritária e exigente. A maneira com que trata os estudantes mostrou refletir na aprendizagem. O professor, por vezes, não conseguir compreender o estudante, parece não conseguir acompanhar as mudanças que os jovens vêm passando, como também, não estar preparado para essa realidade. Com todo esse quadro, a aprendizagem pode ficar prejudicada. Cabe ao docente

não só reproduzir o que vivenciou, mas também oportunizar os estudantes, se possível contextualizando o aprendizado.

O professor depende e muito da contribuição do aluno para prosseguir em frente, investindo em boas aulas. Percebi que o docente enfrenta problemas para dar continuidade na sua disciplina, como por exemplo, a participação e o comprometimento do aluno. Esses fatores podem fazer com que o professor desinvista e desmotive das aulas. Podendo acontecer de suas aulas caírem em uma rotina, ainda mais quando o professor permanece muito tempo na mesma escola, e isso passa a ser percebido pelo aluno. Além do disso, o professor diz estar sobrecarregado, sentindo que a família está transferindo o peso da educação para ele.

Embora o docente enfrente inúmeras dificuldades, ele percebe ainda sim e dá sinais que é importante e possível procurar investir nas aulas de Educação Física. Esse investimento reflete e é capaz de aumentar o aprendizado dos alunos. O estudante consegue perceber quando há esse interesse em prosseguir investindo transmitido pelo professor, aumentando assim também o interesse deles.

Os estudantes por sua vez, também deixaram as suas impressões sobre o que dizem aprender, seu investimento e desinvestimento nas aulas de Educação Física. É importante destacar que os jovens que se encontram dentro da escola não são todos iguais, tem diferentes perfis e isso é identificado pelo próprio professor. Por serem diferentes, esses estudantes apresentam distintos comportamentos e objetivos na escola. Por isso ao formarem o grupo, turma, as aprendizagens serão diferentes. Os estudantes apresentaram em algumas vezes, falta de interesse e comprometimento com as aulas de Educação Física. Não aceitam muito bem o que é imposto a eles, as regras. Eles têm o desejo de fazer parte da construção dentro do espaço escolar, não aceitam o dito por dito.

Porém esses estudantes mostraram certa dificuldade em se expressar, eles querem atenção do professor, e algumas vezes não sabem como a conquistar. Além dessa atenção, eles querem espaços adequados e atrativos para as aulas de Educação Física, e quando isso não acontece leva ao desinvestimento e desinteresse nas aulas. Quando a escola e a professora investem neles, quando há o retorno esperado pelos jovens, seus interesses nas aulas de Educação Física aumentam. Muitas vezes o estudante não foi compreendido na escola, pela professora e na aula, pois eles vêm acompanhados das novas tecnologias, essa que

é uma preocupação do aluno. Eles estão mostrando que os interesses são outros dentro da escola, como por exemplo, namorar, a aparência que podem apresentar nesse espaço. O jovem de hoje está em constante transformação e isso pode afetar de que maneira aprendem e levam as aulas de Educação Física.

Outro elemento encontrado por meio das informações obtidas e que coube analisar e discutir foram os conteúdos das aulas de Educação Física. Que por sua vez foi muito mencionado pelos estudantes como um elemento que leva eles a participar e (des)investir das aulas de Educação Física. Os estudantes na sua maioria disseram não gostar da Educação Física em função dos conteúdos, pode-se compreender que isso acontece por eles não compreenderem o porquê aprender determinados conteúdos. Se houver um sentido e um significado naquilo que eles estão fazendo em aula, desperta no estudante maior interesse pela Educação Física. O professor é importante nessa transmissão dos conteúdos, a comunicação de como é feita para os alunos reflete na aprendizagem do jovem. Muitas vezes os estudantes desinvestem da aula, pois o que é ensinado em aula foge das necessidades deles, do contexto em que se encontra esse aluno.

Seria interessante o aluno participar da construção das aulas, poder escolher também quais conteúdos eles têm vontade de conhecer/aprender. Foi encontrado também como um fator que faz com que os alunos desinvistam das aulas de Educação Física, as aulas teóricas e o fato dessa disciplina exigir trabalhos. Um elemento que é importante ser reconfigurado para haja melhor qualidade nas aulas e atraia os alunos é a diversidade de conteúdos. A professora deu sinais de que isso acontece, procura trazer assuntos e conteúdos diversificados para as aulas. Percebeu-se que os alunos ainda têm forte ligação com as aulas esportivizadas, acredita-se que boa parte da vivência deles se deu em relação aos esportes.

A Educação Física deve proporcionar diferentes possibilidades de vivências aos estudantes, contribuindo assim com maior aprendizagem por parte deles. Alguns alunos disseram gostar da Educação Física, do jogo, possibilita aproveitar os espaços que são oferecidos a eles e a convivência com seus colegas. Se reconfigurados alguns elementos que engloba os conteúdos e a maneira de como ele chega aos alunos o investimento nas aulas seriam maiores e afetaria de forma direta na aprendizagem.

Por fim ainda há um elemento que creio ser o principal e determinante para que a Educação Física possa ensinar e conseqüentemente refletir no que os

estudantes dizem aprender. A relação pedagógica e a forma em que ela se estabelece na escola, entre o docente e o estudante. Essas relações mediam as aprendizagens que podem acontecer. A relação fragilizada que está determinada entre esses estudantes e a professora de Educação Física são baseadas em incompreensões de ambas as partes. Existem elementos que atravessam essa relação, como interesses e pensamentos diferentes, as tecnologias presente dentro da escola. O professor não compreende o estudante que está na sua aula e o estudante, por sua vez quer autonomia e por querer isso, não aceita algumas regras e normas estabelecidas na escola e nas aulas de Educação Física.

A relação está estremecida e parece ser difícil que os alunos e professores mudem a sua opinião. A falta de comunicação e a linguagem que é usada são vistas como grande problema enfrentado por esses atores. Percebe-se uma disputa de quem precisa se afirmar mais dentro do espaço escolar. O professor da sua maneira mostra-se preocupado com o estudante, ele também pode ser percebido como um amigo. Assim como os estudantes necessitam de atenção e querem ser vistos pelo professor não somente com a vestimenta de aluno. A aula é um espaço de troca mútua, a conversa é um bom instrumento para que a qualidade da Educação Física aumente. E nem sempre é sobre os conteúdos que essa aula vai acontecer.

É necessário que o estudante colabore para que se estreite essa relação, assim como é fundamental que o professor invista no laço, facilitando o desenvolvimento da aula, a fim de que se cumpram os objetivos da Educação Física. Embora não seja uma relação que se conquiste em curto prazo, é de extrema importância que ela se estabeleça.

Para que ocorra um maior aprendizado e mobilização dos estudantes a investir nas aulas de Educação Física, é necessário que ela se reinvente dentro do espaço escolar. A escola por ser um ponto de encontro, é ali que pode se estabelecer as relações sociais as quais os alunos tanto querem. Pode-se acreditar que os jovens aprendem de acordo com a sua necessidade de vivenciar novas experiências, sensações diferentes ao sair da rotina.

Além do entendimento e aprendizado em relação ao tema desse trabalho, creio ser importante ressaltar a experiência adquirida no trabalho de campo, o contato com diferentes juventudes e formas de se fortalecer docente. Foi muito interessante e significativo poder estar dentro daquela escola, conhecer e escutar os colaboradores dessa pesquisa. Além de analisar e compreender os sinais que eles

queriam transmitir. A comunicação e a relação estabelecida entre nós foram muito agradáveis, e que favoreceu as obtenções de informações. Acredito que eles conseguiram se expressar e não falaram somente o que eu queria escutar. Surgiram questões jamais imaginadas por mim e que acontecem na realidade escolar.

A pesquisa da natureza qualitativa e descritiva necessita que o pesquisador interprete as falas para então conseguir traduzir e formular considerações que reflitam o que pensam e representam os seus colaboradores, para isso se exige uma escuta muito delicada, responsabilidade e poder de observação do pesquisador. Entretanto, concluo que encontrei uma posição interessante ao colocar as minhas opiniões e poder legitimá-las com o suporte na literatura. Sem que eu pudesse expor as minhas opiniões, mas ao mesmo tempo podendo agregar colocações que outros autores já haviam encontrado sobre esse assunto e que pudessem estar conectados.

Por fim poder discutir o que ensina a Educação Física no Ensino Médio por meio das aprendizagens narradas por estudante e docentes foi o ponto mais alto do trabalho, e penso ter chegado ao fim ser perder o foco sobre esse tema.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. L. **A Produção da Escola Pública Contemporânea**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- AZEVEDO, E. S.; SHIGUNOV, V. **Reflexões sobre as Abordagens Pedagógicas em Educação Física**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - CDS, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- BAIRRO Partenon. 2010. Disponível em: <http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regioes=89_0_0. Acesso em: 24 setembro 2013>. Acesso em: 24 set. 2013.
- BOURDIEU, P. A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de Educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem Social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997. 122 p.
- CARDOSO, M. A.; LARA, A. M. B. Sobre as Funções Sociais da Escola. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2009, Curitiba. **[Anais...]** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica, 2009. p. 1313-1326.
- CARRANO, P.C.R. Identidades Culturais Juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. **Diversia**, n. 1, p. 159-184, abr. 2009.
- CASTELLANI FILHO, L. **A educação física no sistema educacional brasileiro: percurso, paradoxos e perspectivas**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- COLL, C.; POZO, C.; SARABIA, C. As Atitudes: Conceituação e sua Inclusão nos Novos Currículos. *In*: OS CONTEÚDOS na reforma. Porto Alegre: Artmed, 1997. p. 121-169.
- CORDEIRO, J. A relação pedagógica. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral**, São Paulo, v. 9, p. 66-79, 2011.
- CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 6. ed. Campinas: Papirus, 1996.
- DAMICO J. Corpo a corpo com as jovens: grupos focais e análise de discurso na pesquisa em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 35-67, 2006.
- DAOLIO, J. Educação Física escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, p. 40-42, 1996.
- DARIDO, S. C. Apresentação e análise das principais abordagens da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 20, n. 1, set. 1998.

DEVIDE, F. P.; RIZZUTI, E. V. Transformações periféricas nas representações sociais de alunos sobre a Educação Física Escolar após intervenção pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas. v. 22, n. 3, p. 117-136, 2001.

FRANCO, M. L. P. B.; NOVAES, G. T. F. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 167-183, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2. ed. São Paulo : Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Z. Educação física escolar. A prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, p. 65–71, 2002

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓMEZ, A. I. P. As Funções Sociais da Escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. *In*: SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

GONÇALVES, V. O. Concepções e Tendências da Educação Física: Contribuições e Limites. **Revista Eletrônica de Educação do Curso de Pedagogia do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás**, v. 1, n. 1, jan./jul. 2005.

GUIMARÃES, A.A.; PELLINI, F.C.; ARAUJO, J.S.R.; MAZZINI, J. M. Educação Física Escolar: Atitudes e Valores. **Motriz**, Rio Claro, v. 7, n. 1, p. 17-22, 2001.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HAGEMEYER, R. C. C. Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança. **Educar**, n. 24, p. 67-85, 2004.

IBGE. **Censo demográfico de 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acessado em: 24 set. 2013.

LEÃO, G; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. Juventude, Projetos de vida e Ensino Médio. **Educação Social**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out./dez. 2011

LELIS, I. A. Do ensino de conteúdos aos saberes do professor: mudança de idioma pedagógico?. **Educação Social**, Campinas, v. 22, n. 74, 2001.

MACHADO, A. A. Interação: um problema educacional. *In*: DE LUCCA, E. **Psicologia educacional na sala de aula**. Jundiaí: Litearte, 1995.

MELLO, G.N. **Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político**. São Paulo: Cortez, 1982. 151p.

MELUCCI, A. Passagio d'epoca; il futuro è adesso. Milano: Feltrinelli. NOVAES, R. (2006): «Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias». In M. I. M. de

ALMEIDA e F. EUGENIO (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: J. Zahar.

NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1992.

OBSERVAPOA. **Porto Alegre em análise: sistema de gestão e análise de indicadores**. Disponível em: <http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regioes=89_0_0>. Acessado em 24/09/2013.

PINHEIRO, M. C.; PINTO, R.; ALBUQUERQUE, A. “Outra vez, professor?” percepções de alunos em relação à Educação Física. **Motrivivência**, Santa Catarina, XXV, nº 40, p. 90-135, Jun./2013.

PORTELA, L. V. **Representações Sociais de Estudantes de Ensino Médio de uma Escola Pública de Porto Alegre acerca das Práticas Corporais**. 2012. Monografia (Conclusão de Curso) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1980.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1983.

SAVIANI, D.A. Pedagogia histórico-crítica no quadro das tendências da Educação Brasileira. **ANDE** – Revista da Associação Nacional de Educação, São Paulo, n. 11, p. 15-23.

SPÓSITO, M. P. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **Revista USP**, São Paulo, n. 57, 2003.

TARDIF, M; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TARDIF, M.; LESSARD, C. e LAHAYE, L. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. *In*: DOSSIÊ: Interpretando o trabalho docente”. Porto Alegre: Pannônica, 1991. p. 215-233.

WITTIZORECKI, E. S.; MOLINA NETO, V.; BOSSLE, F. Mudanças sociais e o trabalho docente de professores de Educação Física na escola: estudo a partir de histórias de vida. **Movimento**, Porto Alegre, v.18, n.1, p. 149-169, jan./mar.2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. Natureza da pesquisa: você está sendo convidado a participar da pesquisa “**O que ensina a Educação Física no Ensino Médio? As Aprendizagens narradas por estudantes e professores**”, vinculada à Escola de Educação Física da UFRGS,

2. Participantes da pesquisa: O principal responsável pela pesquisa é o Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki, que pode ser encontrado em horário comercial no seguinte endereço: Rua Felizardo, 750; bairro Jardim Botânico; Porto Alegre/RS. CEP: 90690-200. Caso queira, você pode esclarecer qualquer dúvida diretamente com o COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFRGS pelo telefone 3308.3629.

3. Sobre as entrevistas: Trabalharemos com grupo focal semi-estruturado, com duração entre 30 a 50 minutos, para colher informações sobre as o que ensina a Educação Física no Ensino Médio. As aprendizagens narradas por estudantes e professores. Esta entrevista será gravada, depois transcrita e posteriormente devolvida a você para conferir o que foi registrado.

4. Riscos e desconforto: Sua participação nesta pesquisa é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento. Teremos todos os cuidados em evitar as situações de constrangimento e/ou que afronte sua dignidade. O inconveniente maior será a dedicação de um tempo para responder às questões da entrevista. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

5. Confidencialidade: Os dados obtidos serão utilizados pelos estudantes e professores da Escola de Educação Física da UFRGS para a elaboração de monografia de conclusão de curso da aluna Alana de Souza dos Santos, artigos científicos, capítulos de livros. O material resultante do trabalho ficará depositado na Escola de Educação Física da UFRGS. Todas as informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Em todas as etapas da pesquisa será preservada sua identidade, bem como as identidades de todas as pessoas por você referidas;

6. Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa traga informações relevantes e, de algum modo, subsídios às escolas, professores e estudantes a entender melhor o contexto que os cercam.

7. Despesas: você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que seguem abaixo:

Eu, _____ acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou do que foi lido para mim, descrevendo o estudo “**O que ensina a Educação Física no Ensino Médio? As aprendizagens narradas por estudantes e professores**”. Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo.

_____/_____/_____
Assinatura do sujeito ou representante legal Local Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito ou de seu representante legal para a participação neste estudo.

_____/_____/_____
Assinatura do responsável pela pesquisa Local Data

APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA O GRUPO DE DISCUSSÕES COM OS ESTUDANTES

Idade: _____ Sexo: _____ Série: _____

- 1) Se for possível me diga dois motivos que te fazem considerar a Educação Física importante?
- 2) Que conteúdo até hoje mais gostou de ter acesso por meio das aulas de Educação Física?
- 3) O que não gosta de fazer nas aulas de Educação Física?
- 4) O que já aprendeu nas aulas de EF? O que pensa que deveria ter aprendido? Por que?
- 5) Que motivos fazem você investir nas aulas de Educação Física?
- 6) Que motivos fazem você desinvestir nas aulas de Educação Física?
- 7) Descreva uma boa aula de EF. E uma ruim.
- 8) O que podes levar para fora da escola e que considera ter aprendido nas aulas de Educação Física?
- 9) Qual o papel do professor nas aulas de Educação Física? E como o vêem?
- 10) O que precisa mudar nas aulas de Educação Física para que consiga compreender todos os alunos?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Idade:_____ Sexo:_____ Tempo de profissão:_____

- 1) Que motivos lhe fizeram escolher essa profissão?
- 2) De que maneira organiza os conteúdos a serem transmitidos aos alunos?
- 3) Como julga a importância dos conteúdos a serem ensinados?
- 4) Que motivos lhe fazem investir nessa profissão?
- 5) Já pensou alguma vez em desistir? Por quê?
- 6) A escola lhe dá subsídios básicos para o desenvolvimento de sua disciplina? Sim ou não? Explique
- 7) Como vê a importância da sua disciplina para a formação do ser humano?
- 8) Em sua opinião como a escola e alunos percebem a Educação Física?
- 9) O que mudou desde a sua época de estudante em relação aos alunos de hoje em dia?
- 10) De que forma avalia os seus alunos?

APÊNDICE D – UNIDADES DE SIGNIFICADOS

Lugar da direção na escola.

Isolamento docente.

Rotulação dos estudantes.

“Alunos não querem nada com nada”.

Casos especiais.

Autoritarismo da professora = Relação pedagógica.

Repetição dos conteúdos da Educação Física.

“Não sabem por que tem que aprender isso ou aquilo”.

Comprometimento do aluno.

“Aula de circuito, só isso que fazemos”.

Dificuldade de acesso nos primeiros momentos.

Ceder horas de aula.

“Só querem jogar bola, ficar com os aparelhos eletrônicos, não se comprometem”.

Outros conteúdos e aulas teóricas.

Perfil do estudante moderno.

Envolvimento/interesse da escola a respeito da Educação Física.

Interação professor aluno.

Descaso com a aula.

Chegou mostrando quem manda.

Condições de infra estrutura da escola para receber o aluno.

Escola: lugar acolhedor e confortável.

Muitas regras.

Relacionamento entre os alunos.

Professor está preparado para a realidade escolar?

Improviso ou plano de aula?

Seqüência nas aulas.

Professor também pode ser visto como um amigo.

Influência da tecnologia nas aulas.

Incompreensão de ambas as partes.

Vantagens em se ter um bom relacionamento com os estudantes.

Os estudantes não têm “voz” dentro da escola. Críticas, fala.

Insatisfação com o ambiente da aula.

Professor deve continuar investindo nas aulas.

Aspectos da aula que desmotiva os alunos.

Importante dar autonomia para o estudante do Ensino Médio.

Participação de forma ativa do professor.

Alunos querem atenção.

Expor o aluno = relação pedagógica.

Professor participante da aula.

Diversificar o conteúdo.

“Não aprendem nada com isso”.

Aluno sabe da importância da Educação Física na escola?

O aluno precisa de respostas, se sentir um sujeito importante dentro da escola.

Professor de Educação Física tem que saber explicar a importância da sua disciplina.

Temas transversais devem ser abordados na Educação Física.

Professor em constante aprendizagem.

Aulas práticas e teóricas.

Imagem que o professor passa para o aluno.

Educação Física obrigatória na escola necessita de avaliação.

Desgaste da profissão professor.

Professor recém formado ou estagiário.

Alunos se acostumam com um estilo de aula.

Professor com prazo de validade.

Porque essa desmotivação.

Professor não depende só desses fatores para dar uma boa aula.

Investimento.

Jovens de hoje estão com outros pensamentos dentro da escola.

Descontentamento.

“Porque vale nota”

Construção conjunta do plano de ensino.

Alunos só pedem o que conhecem.

Outros interesses na escola, namorar, aparência.

Jovem tem a responsabilidade de um adulto.

Roupa adequada para Educação Física.

Engajamento nas aulas = motivação externa = apoio da escola.

Conflitos na turma = interfere no desenvolvimento da aula.

Diferentes estudantes.

Aluno que não se permite aprender.

Professor depende da contribuição do aluno para esses momentos acontecerem.

Escola: um espaço de diálogo.

Assuntos que despertam o interesse do aluno.

O estudante do Ensino Médio é diferente do estudante do Ensino Fundamental.

Aula = troca mútua.

Olhar atento dos gestores da escola.

Distanciamento do poder diretivo dos interesses dos estudantes.

Vício.

“Professora não entende”.

“O interesse na aula é de cada um e diferente de aluno para aluno”

Compreender as diferentes juventudes.

A EF não é atrativa para os alunos.

“A escola parece uma prisão”.

Aluno não quer escutar o “NÃO”.

“Professora menospreza os alunos”

Linguagem usada com os alunos.

Dificuldades encontradas: desinteresse pelos conteúdos, problemas de relacionamento com a professora e comunicação professor e aluno.

Não é o estilo que responde pelo aluno em aula.

Aula prazerosa, alunos interagindo e socializando.

Alunos demonstram seu interesse por meio da participação.

Promessas não cumpridas pela professora.

Diversidade de assuntos.

Não generalizar a EF no contexto escolar.

Assunto ligado ao cotidiano do estudante.

Aulas caem na rotina.

O novo interessa ao aluno.

Escola não possui espaço adequado para aula quando chove.

Organização das disciplinas no currículo.

Diferentes jovens em uma só turma.

Impaciência e intolerância.

“Esse aluno é um chato”.

Tensão entre professora e alunos.

Todo início de aula começava com uma “bronca”.

Ônus de um bom relacionamento, alunos tomam conta.

Alunos incapazes de escutar e imaturos.

Na escola não se faz somente o que quer.

“Os alunos não estavam a fim da palestra”.

Centralizar a energia do estudante à favor da aula.

Professor não é dono da verdade.

“Alunos neuróticos e dependentes do celular”.

EF também pede trabalhos e avalia.

Barreira imposta entre docente e estudantes.

Quadra sem condições de uso.

Vôlei novamente.

“Quando não é na quadra não temos vontade de fazer”

Não possibilita bom desenvolvimento.

Interação com outros jovens e realidades.

“A professora não nos obriga a participar, ela entra no nosso psicológico”.

Poder de persuasão do professor.

Não fazer EF = gera complicações.

Apropriar-se do que a escola pode proporcionar.

Progressão dos conteúdos.

Exposição do jovem nesse grupo é complicada.

EF vista como lazer na escola.

Entender a função do professor.

Professor quer se afirmar.

“Estagiários não são professores padrões. O professor dá conteúdo padrão e o estagiário não”.

Conteúdos padrões.

Jovens com rotinas de adultos.

Aulas agitadas.

EF = exercitar.

Existem outras possibilidades de atividades.

EF não é necessariamente esportes e jogar bola.

Autoridade máxima?

Suporte da família.

Onde está o erro? Formação, investimento dos professores, falta de material na escola, aceitação dos alunos.

Estimular a participação do aluno.

Não compreendem o significado da escola, educação e EF.

Estética.

Brincar constrange? Também é aula.

Aluna não quer ser notada.

Comportamento da turma = reflete na aula.

Alunos com objetivos diferentes em aula.

Aula com proposta mais dinâmica.

Trouxe à tona o problema vivido pelos alunos.

Jovens não sabem enfrentar suas dificuldades.

Professor com olhar atento e não reprovador.

Funcionamento da escola.

Comprometimento do aluno.

Estabelecer vínculo professor e aluno.

Atenção centrada no professor.

Alunos sempre atentos ao que ocorre.

Aluno necessita de atenção e ser ouvido.

Professor deve arriscar.

“Viu, depois tu pergunta por que a gente não gosta dela”.

Alunos respeitam as decisões = mesmo não concordando.

Na prática pode não ter sentido, mas para o dia-a-dia sim.

Alunos mal acostumados.

Idéia foi boa, mas mal organizada.

Presença do professor no desenvolvimento da aula.

Falta oportunizar melhor esse aluno.

Descaso dos alunos.

Professor se desdobra para tentar atingir todos os alunos.

Punição.

“Viciados em tecnologia.”

Momento raro.
Professor, amigo, parceiro.
Desafio aos alunos.
Reprodução dos mesmos conteúdos.
EF aprendizagem limitada.
EF pode elevar o aluno.
Falta de incentivo e investimento.
“A pessoa em si dela era boa”.
Relação estabelecida.
Comparações são inevitáveis.
Analisar caso a caso.
Necessidade de o professor conhecer seu aluno.
Reproduz aquilo que vivenciou.
Professor sai incompleto da faculdade
“O trabalho é uma balança constante”.
Educação Física sempre no tradicional.
Interesse do aluno em aula.
Professor reconhece essa mudança?
Professor diz uma coisa e o aluno outra.
Transferindo a responsabilidade da família para o professor.
O professor se vê com a verdade absoluta.
“Trabalho de formiguinha”.
Professor fica muito preso ao jogo em aula.
Combinação de interesses.
Professor joga a responsabilidade para o aluno.
Sinais de desinvestimento.
Luta constante.
Reconhece as dificuldades.
Professor se vê sem saída.
Afirmar a importância da Educação Física.
Ponta pé inicial depende do professor.
Professor não sabe os motivos.
Escola não produz e forma sempre o mesmo aluno.
Sinais transmitidos pelo estudante.

Esclarecimentos para os jovens.

Suporte familiar.

Rotina do adolescente fora da escola.

Princípio mais importante da relação.

“E hoje a gente tem essa distância”.

Tempo disponível para a Educação Física.

Diálogo é o mais importante. Não deixar para depois.

“O grupo de professores está buscando muito o interesse dos alunos”.

Aluno muda de opinião rapidamente.

“Achismo” do professor.

Colocar o aluno como o centro da aprendizagem.

Aprende-se também fugindo do currículo.

Professor se enxerga como tal?

Reconhecer o estudante de hoje.

Cumprir com o currículo escolar.

Dar continuidade.

Não depende só de o professor inovar.

Desvalorização da profissão.

Conformismo.

Pontos negativos

Um bom resultado.

Entender os sinais que os jovens trazem consigo.

A escola ainda assim tem que cumprir o seu papel.

Professor se fazer presente.

Quando existe sentido no que eles fazem.

Lugar do jovem na sociedade.

Identificar as limitações do estudante.

Educação Física além de passar os conhecimentos básicos da disciplina, proporciona ao estudante esses aspectos.

Educação Física tradicional.

Bom senso.

Incompreensão da escola.

Dar espaço ao aluno.

É a escola que ainda dita às normas.

Esforço do professor.

Esquecimento do interesse dos estudantes.

Isolamento docente (2)

Educação Física procurando o seu espaço.

Tecnologia que atravessa a relação professor aluno.

Professor está sobrecarregado.

Educação invertida.